

np

ANO IX — 1967 — N° 9/3 — NCr\$ 0,50

março/67

**UMUARAMA,
METRÓPOLE
DE 4.380 DIAS**

**A RESPOSTA DE
PAULO AO DESAFIO
DE MARINGÁ**

**XAMBRÉ RETOMA
A UTOPIA
DOS JESUÍTAS**

**1.650 QUILOS
DE MISSES
EM CORNÉLIO**

DIV. PATR. HIST. E CULTURAL - MARINGÁ - PR

O QUE É A NOVA POLÍTICA DO CAFÉ

A nossa maneira de ver (e auxiliar) o progresso de Umuarama

Daqui do alto contemplamos Umuarama.
A cidade mudou muito desde que o primeiro
avião da Sadia pousou aqui.
Onde antes havia apenas mato
hoje há ruas, avenidas e praças —
dia-a-dia se expandindo mais,
ganhando novos melhoramentos,
nôvo colorido.
Daqui do alto vemos os telhados vermelhinhos
assinalando as casas, os prédios novos.
Vemos as estradas, as lavouras, as criações
— e as escolas, os hospitais.
Só uma coisa não mudou em Umuarama
ao longo dêsses 12 anos de convivência:
o entusiasmo dos pioneiros, que não mediram
sacrifícios para transformar a selva
inóspita nesta grande cidade.
E que farão dela a
grande metrópole do Norte Novíssimo.

SADIA S. A. - Transportes Aéreo

Handwritten signature



Do simples
estender da mão
até os complexos
meios de produção,
muita coisa mudou
sob o sol

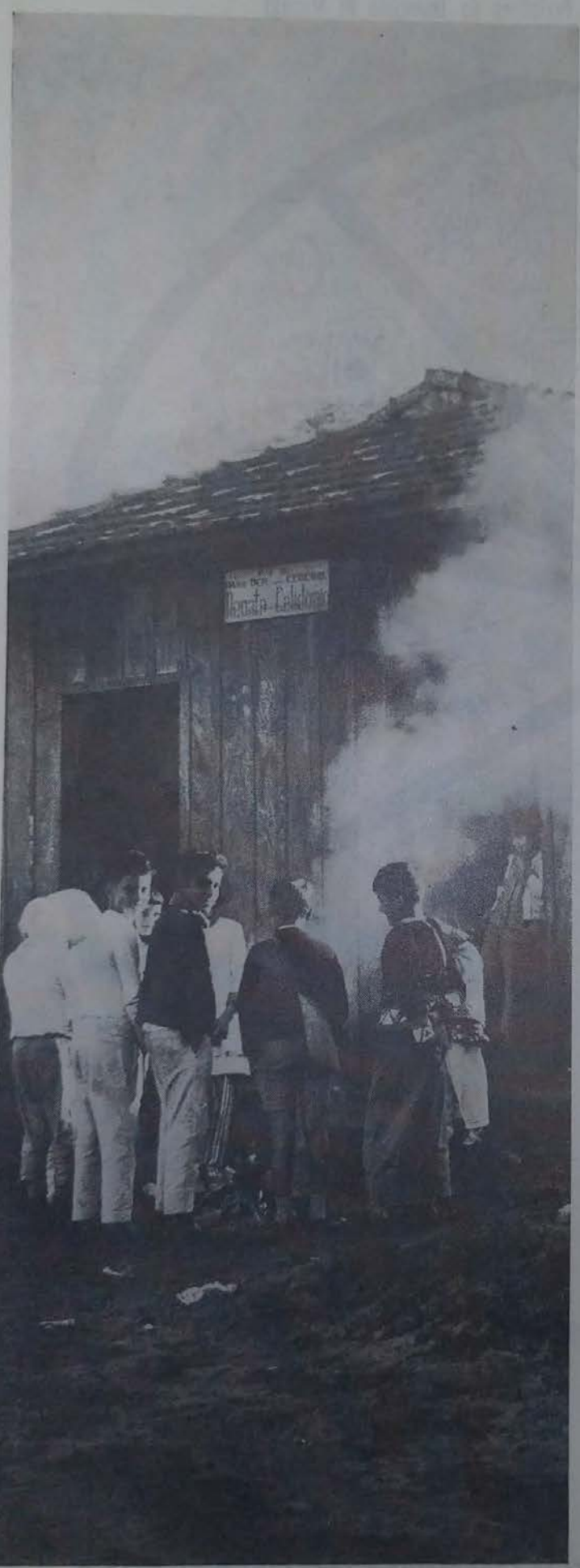
A cada necessidade
o Homem respondeu
com uma solução
mais engenhosa
até atingir
as modernas indústrias
de hoje,
que mobilizam
o trabalho,
o capital e a técnica
num esforço conjunto.
Indústrias transformam
e criam riquezas
para que o Homem
viva melhor.

**mais
indústrias
no paranã**

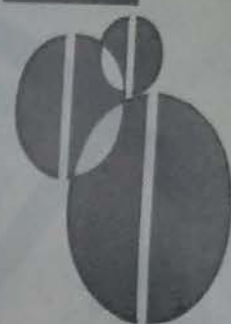


GOVERNO PAULO PIMENTEL

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO PARANÁ - CODEPAR



np



IMPRESSÃO
METROPOLITANA
DE 1.400.000
A RESPOSTA DE
POVO AO DESAFIO
DE MARINGÁ
LÂMBRE: PISTAS
A TROPAS
DOSS-ATENTAS
E DE HOMENS
DE MISSÕES
EM CONDIÇÃO

O QUE É A NOVA POLÍTICA DO CAFÉ

CAPA — O que vai acontecer com a nova política do café? Produtores, exportadores e — principalmente — os homens da administração acompanham mais esta etapa da luta pela consolidação da economia do café. Que neste número é assunto principal de NP e ganhou uma capa especial de Desidério Máximo Passera.

Neste Número:

- Destaques, 4
- NP na Assembléia, 5
- 2 centímetros de geada, 1.650 quilos de misses, 6
- Umuarama, a que ensina a multiplicar, 10
- Eugênio Larionoff descobre o Paraná, 22
- Café: esquema nôvo, esperança nova, 24
- 20 anos de Maringá, festa do povo, 26
- O governo realiza em Maringá, 28
- Leon Peres pinga fogo na Câmara, 35
- Xambrê, a capital do ipê, 36
- O casamento de Joaquim e Zulmira, 42
- Eddy julga misses e santas, 42
- Política, 45
- Londrina elegeu «glamour girl», 47
- Cabo Eleitoral, êsse tipo curioso, 48

np — **NOVO PARANÁ:** Publicação Mensal de propriedade da Editora Norparaná. Escritório Central: CURITIBA — Rua Vol. da Pátria, 475 - Edif. ASA - conj. 813 - Tel.: 4-9010 - Ramal 62. LONDRINA: Encarregado — DANIEL GONÇALVES — Edifício Sahnão — conj. 108 — Tel.: 125. MARINGÁ: Av. Getúlio Vargas, 268 — 8º andar — conj. 609 — Tel.: 2188 — Cx. Postal. 247. PARANAGUÁ: Encarregado — MAURICIO VITOR DE SOUZA — Edifício Itiberê — conj. 1 — aptº 6 — Rua Manuel Bonifácio, 356. SÃO PAULO: Rua Maracá, 114 — casa 6 — Tel.: 63-7870. RIO DE JANEIRO: Rede Paranaense de Rádio Ltda. — Av. Getúlio Vargas, 392 — conj. 306 — Tel.: 23-4586. PORTO ALEGRE: Rede Paranaense de Rádio Ltda. — Edifício Formac — 14º andar — conj. 144. Diretor Responsável: ARISTEU BRANDESPIM. Redator-Chefe: SAMUEL GUIMARÃES DA COSTA. Editor: M. CAVALCANTI. Supervisão Técnica: AGENCIA DE ASSESSORAMENTO TÉCNICO — CURITIBA. A direção não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos assinados, nem devolve originais quer sejam ou não publicados.

Manhã cedinho, em algum lugar entre Umuarama e Xambrê: a garotada que vai à escola faz uma fogueira para se esquentar. Para eles a geada significa um dia diferente, de céu muito azul, ar seco e frio. Não ligam — como os pais — a problemas mais complicados, como quebra de safra e ameaça de prejuízos para a economia regional. Eles vivem um mundo diferente, onde podem parodiar o astronauta e dizer: "O mundo é azul".

A DÚVIDA DA DÍVIDA

○ ART. 20 da antiga Constituição Federal de 1946, hoje felizmente afastado, foi sempre instrumento de pressão dos Governos estaduais com relação aos Municípios. Recebiam as quotas previstas naquele dispositivo constitucional os Prefeitos afinados com o Executivo Estadual ou que a êste se submetessem politicamente.

○ GOVERNO Paulo Pimentel, ao iniciar-se, herdou apreciável dívida estadual com os Municípios, decorrentes do atraso de seus antecessores no pagamento daquelas quotas. Sendo um homem do interior, sensível às realidades e aos problemas municipais, tratou logo de pagar os débitos pendentes, sem qualquer discriminação política. O fato era duplamente inédito e teve grande repercussão, inclusive fora do Paraná.

Q UASE seis bilhões de cruzeiros antigos foram pagos no exercício de 1966, o que concorreu em cerca de 50% para o déficit orçamentário daquele ano financeiro. No corrente ano prosseguiram os pagamentos, não obstante as dificuldades financeiras decorrentes da implantação de nova sistemática tributária, que reduziu substancialmente o ritmo da receita estadual, com a substituição do IVC pelo ICM.

A GORA, levanta-se uma questão importante: estará o Estado obrigado a liquidar os débitos do extinto art. 20 se a sua receita já não se apoia naquele sistema e o ICM não está respondendo à previsão dos técnicos da União que conceberam a reforma tributária?

P OR outro lado, uma segunda pergunta está sendo lançada: as prestações de contas dos Municípios, sujeitas eventualmente à apreciação do Tribunal de Contas, não recomendaria a suspensão dos pagamentos da quota do ICM em comprovado caso de desordem financeira?

M AS há ainda uma terceira indagação no ar: as obras e serviços locais, de caracterizada competência municipal — como rêdes de água e esgotos, escolas rurais municipais, etc., — que o Estado faz para as Prefeituras não anularia o valor do correspondente débito do Estado com o Município?

E STAS são questões sôbre as quais se impõe acurado estudo. Mesmo um Chefe de Executivo Estadual, com pronunciada mentalidade municipalista — como é o caso, no Paraná, de seu atual Governador — talvez esteja sujeito amanhã a ser acusado de estar abrindo mão de recursos que são privativos do Estado, com um excesso de liberalidade que não teria, quem sabe, amparo legal, a pretexto de cumprir compromisso, hoje tido como discutível e de legitimidade duvidosa, com os Municípios.

DESTAQUES

Não houve qualquer ligação entre o novo preço do café e a decisão do governador PAULO PIMENTEL de não elevar a alíquota do ICM. Quem explica isso é o Secretário da Fazenda, LUIZ FERNANDO VAN DER BROOKE: "O fundamento básico da decisão do Governo — já tem dito o governador Paulo Pimentel — foi o de não onerar, na atual conjuntura, a economia popular e os produtores primários, pois sendo o ICM tributo indireto, quem mais sofreria com a repercussão do seu aumento seriam os assalariados e os produtores agropecuários. Os primeiros teriam, obviamente, o seu poder de compra diminuído. Os segundos teriam os custos de sua produção agravados de maneira a ter diminuída a minguada taxa de lucro. Esse reflexo, resultante do menor poder aquisitivo e do desestímulo à produção, retraindo a circulação de riqueza, o que, paradoxalmente, acarretaria, embora o aumento alíquotai, diminuição da receita, através do consequente menor fluxo no ingresso do ICM".

Informação para os que não acreditam em estoques de café no Paraná: o último levantamento demonstrou a existência de 23 milhões de sacas. A padronização, mandada fazer pelo IBC, resultou numa quebra de apenas 2%. Até agora, quase 13 milhões de sacas foram padronizadas, revelando um produto facilmente exportável, de boas características como bebida e tipo. Tampouco foram encontrados os "furos" que se esperava nos estoques de determinados armazéns.

Está na Assembleia Legislativa um projeto de lei, de autoria do deputado Sílvio de Barros, concedendo o título de cidadão honorário do Paraná aos srs. HERMANN MORAES BARROS, GASTÃO DE MESQUITA FILHO e CASSIO VIDIGAL, diretores da Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná. O deputado decidiu apresentar o projeto depois de ler, no último número de NP, a reportagem sobre as 63 cidades fundadas pela Companhia no Norte do Estado e outro tanto resultante de iniciativas paralelas. Ali vivem hoje 1,5 milhão de paranaenses e é gerada mais da metade da renda estadual. Todos os deputados consultados até agora pelo representante de Maringá deram seu voto favorável por antecipação.

O Paraná vai exportar doravante auto-peças de alta qualidade com o funcionamento da fundição da Ferropar, a mais moderna do País, instalada com apoio do governo no Atuba na Capital do Estado. Produzirá 1.220 toneladas mensais de ferro fundido cinzento, em acordo com negociações até aqui estabelecidas com a indústria automobilística.

Centro Oeste Paranaense vibrando com as disputas futuras do certame da 1ª Divisão de Profissionais de futebol por clubes de Pato Branco (2), Cascavel (2), Francisco Beltrão, Toledo e Guarapuava. Já o campeonato começa a 23 de julho, mas o do Norte Sul se inicia a 3 do mesmo mês com os jogos: Operário X A. E. R. Mourãoense, Mandaguari E. C. X S. E. Porecatu, Caramuru E. C. X S. E. R. Arapongas, Cianorte A.F.E. X A.C. Paranaíva, Guarani E. C. X Nacional A. C.

Na região de Maringá os prejuízos provocados pelas geadas são consideráveis. Café: em Astorga atingiu 20%, sendo que 40% na safra futura; Ourizona 15% agora e prejuízo futuro de 30 a 40%; 85% dos cafeeiros de Paissandu, Dr. Camargo, Jussara, Floresta, Floriano, Ivatuba, Itambé, Bom Sucesso e Água Boa foram atingidos; em Maringá 25%, mas safra futura prejudicada em 55%; Marialva 55% agora, 70% no futuro; Mandaguari 15% agora, 30% na frutificação. O tipo 5 vai cair para 6-7. Rami, banana e mamona tiveram as safras quase inteiramente destruídas. Queda na produção do leite é estimada em 65% face a dificuldades de obter rações e a queima do pasto.

Empenha-se a CODEPAR em sistematizar medidas para proteger o milho, que em face a grandes safras no país e no exterior terá no Paraná um excedente calculado em 1 milhão de toneladas. Dos sete milhões de cruzeiros novos que financiou nos cinco primeiros meses, pouco menos de 2 milhões foram encaminhados para setores ligados ao produto. Indicou, ainda, em estudos que mandou proceder, a viabilidade da utilização de milho na panificação onde entraria com 30%, o que representaria um aproveitamento de 60% do excedente. Outra da CODEPAR: Curitiba, nesses 5 meses, recebeu 3,200 milhões de cruzeiros novos para 23 empreendimentos; Maringá 1,890 milhões para 7 projetos, Guarapuava 1,134 milhões para 4 projetos, Jacarezinho 678 mil para 7 projetos, Londrina 393 mil para 7 iniciativas, Ponta Grossa 379 mil para 6 empreendimentos e União da Vitória 254 mil para 5.

O município de IVAIPORA mantém no setor rural 109 salas de aula, nas quais 119 professoras lecionam, em 300 períodos, para 10.938 crianças. Arrecadando, em 1966, 311 milhões de cruzeiros antigos, o município gastou, com o ensino, 58 milhões, sendo de NCr\$ 133.000,00 a previsão para as mesmas despesas no exercício de 1967.

Auto-estrada Curitiba-Paranaguá vai dar tráfego em outubro, o que garante maior movimento nas praias no próximo verão. Faltam pavimentar 18 quilômetros e dois viadutos ficarão para outra etapa.

As empresas de investimentos já financiam bens de consumo (automóveis, eletrodomésticos) no Paraná e a CODEPAR Crédito. Financiamento. Investimentos entrou de rijo no mercado, fazendo operações experimentais. Com a abertura de sua agência em Londrina, o Norte vai ser também servido. O tipo de financiamento referido cobre até 80% do total com taxas inferiores às habitualmente observadas para essas operações.

LESZEC CELINSKI é o novo relações públicas da CODEPAR, com a promoção de Gilberto Abreu Pires a gerente administrativo. * Secretário da Agricultura Rubens Bailão Leite impressionando com sua movimentação na distribuição de sementes e gado. Já percorreu quase todo o Paraná, inclusive a quase sempre olvidada Guaraqueçaba. * Rodovia Curitiba-Ponta Grossa será arborizada em toda a sua extensão com pinheiros e eucaliptos. * E Vila Velha poderá em breve ser visitada à noite com a iluminação do Parque pelo Departamento de Águas e Energia Elétrica. * Finalmente, em março e abril, a arrecadação estadual superou os meses correspondentes do ano anterior. Nos dois primeiros meses do ano, talvez por causa da implantação do novo sistema tributário, o Paraná arrecadou muito pouco (16,5 milhões de cruzeiros novos em janeiro, 21 milhões de cruzeiros novos em fevereiro). Mas já em março entravam no Tesouro estadual 25,9 milhões de cruzeiros novos, contra 25,4 milhões em março de 1966; em abril, arrecadou-se 27,2 milhões de cruzeiros novos, contra 23,7 milhões em abril de 1966. Para maio, os técnicos da Secretaria da Fazenda esperam que a diferença seja ainda maior.

FOTO JÓIA

Hakutaro Sato

Uma verdadeira jóia em fotografias artísticas e para reportagens, formaturas, reproduções e fotocópias.

Avenida Paraná — Fone 429
UMUARAMA

Arena em Linha Dura, Comandos sem Solução

CLOVIS STADLER DE SOUZA

A resenha parlamentar das duas últimas semanas apresentou, de certa forma, saldo positivo para a Assembleia Legislativa, se levarmos em conta o número de proposições feitas pelos deputados e, também, a utilização dos dispositivos fiscalizadores previstos na Constituição.

Tanto a bancada da ARENA, como a do MDB, utilizaram ao máximo sua capacidade legisferante, abordando assuntos relativos à previdência social, madeira, café, Impostos, telefone, turismo, terras etc., além de pedidos de informações sobre as atividades de entidades governamentais e de economia mista.

linha dura

Enquanto isto ocorria, foi anunciada a linha dura na bancada estadual da ARENA, pelo líder da bancada, sr. Túlio Vargas. Isto significa que os deputados da legenda serão prestigiados nas secretarias e órgãos em geral do Estado, mas em contrapartida deles se exige absoluta disciplina em plenário, sob pena de automático desligamento da bancada do Governo. Quaisquer divergências ou pontos de vista opostos aos oficializados pela liderança, terão de ser expostos e julgados internamente. Se necessário, para evitar que sua defesa de público quebre a unidade da representação arenista, esta deverá abandonar o recinto da sessão.

nova fórmula

Assim reestruturada, a bancada arenista decidiu encaminhar memorial ao Gabinete Regional do partido, pleiteando a nova fórmula para a constituição dos diretórios municipais da legenda, assegurando mais capacidade de indicação aos deputados estaduais, em detrimento dos suplentes, sejam estes estaduais ou federais. Devemos recordar que na última reunião daquele órgão partidário, decidiu-se, com base na proposição do Vice-presidente em exercício, deputado Zacarias Seleme, que dos 33 membros de cada diretório municipal, 20 seriam indicados de comum acordo pelos candidatos (eleitos ou não) que municipalmente se colocaram em 1º lugar nas chapas para a Assembleia e Câmara Federal. A indicação dos restantes 13 membros caberia aos candidatos (de ambas as chapas) que se colocaram como 2º e 3º mais votados no município.

Pelo que se observa os deputados estaduais discordam de tal critério, não só no tocante à acima caracterizada valorização dos suplentes, como também em relação à igualdade de tratamento dada aos deputados federais. De qualquer maneira, e uma vez que os

estaduais somam 37 votos na Comissão Diretora arenista contra os 20 dos federais, pode-se considerar como tendo voltado à estaca inicial ou zero, a solução do problema partidário da constituição dos diretórios municipais.

Por outro lado, alguns deputados da Arena já expressaram ponto de vista de que a ida de Aníbal Kury à Secretaria do partido dinamizará o funcionamento daquele importante órgão partidário.

reforma da carta

Do lado do MDB, argumentando com Ruy Barbosa que "a grande causa da corrupção eleitoral em nosso País é o sufrágio indireto", a bancada apresentou com 16 assinaturas, proposta de emenda à Constituição Federal, para o restabelecimento da eleição direta para Presidente da República. O documento foi defendido em plenário pelo líder Walmar Giavarina, que o justificou com base na faculdade de as Assembleias Estaduais poderem modificar a Carta Magna do País. Giavarina disse que a bancada estava satisfeita com a marcha dos acontecimentos, principalmente após a realização da Convenção Nacional do MDB e a reunião dos líderes emedebistas das Assembleias Legislativas, em Brasília.

A bancada subscreverá outras emendas constitucionais, como as relativas à eleição direta dos prefeitos de capitais de Estados, alteração da Lei de Segurança Nacional e a que veda ao Presidente da República legislar com decretos.

A diretriz dos pronunciamentos emedebistas, segundo seu líder estadual, será fixada nas concentrações partidárias previstas para os primeiros dias de Julho, em Londrina e Curitiba, com presença de próceres nacionais do partido, onde será esboçada a luta para a eleição direta do Presidente da República.

contas de pimentel

Já se encontra na Comissão de Tomada de Contas, para apreciação e julgamento final, a prestação de contas do Governador do Estado, relativa ao exercício de 1966 — gestão Paulo Pimentel e Orlando Mayrink Góes, esta última, até 5 de dezembro de 1966. A referida prestação de contas já foi aprovada pelo Tribunal de Contas.

recesso na assembleia

Dizem que os deputados estão divididos quanto à ideia de convocação ou não da Assembleia Legislativa para o mês de Julho. Constitucionalmente,

conforme dispõe o artigo 16 é esse é um período de recesso do Legislativo, que se reúne, em sessão ordinária, de 1º de março a 30 de Junho e de 1º de Agosto a 30 de Novembro, como ocorre com o caso do Congresso Nacional. Mas, tal como acontece com este, a Assembleia poderá ser convocada extraordinariamente por um terço, no mínimo, de seus membros, por sua Mesa ou pelo Governador. No caso presente, as duas últimas hipóteses podem ser consideradas como afastadas, pois não se percebe intenção do sr. Paulo Pimentel de lançar mão de tal dispositivo e o presidente João Mansur e os demais membros da Comissão Executiva da Assembleia já se manifestaram contrários à convocação. Assim, fica apenas de pé a possibilidade da reunião de pelo menos 15 deputados, para requererem o cancelamento dessas férias legislativas. O pretexto, como sempre, será a relevância das matérias a serem apreciadas. Na verdade, o Legislativo tem pela frente o problema da Lei Orgânica dos Municípios, o da Organização Judiciária, o do Regimento Interno, apenas para citar algumas das matérias a serem apreciadas.

«pinga-fôgo»

Por força da Resolução 9/67, as sessões legislativas estão disciplinadas, agora, por uma nova sistemática do expediente. Os trabalhos têm a seguinte divisão: Expediente e Ordem do Dia, para as sessões ordinárias. Aquele será dividido em leitura do Expediente, com meia hora de duração; Pequeno Expediente ("Pinga-Fôgo") com igual prazo e Grande Expediente, com duração de uma hora. O Pequeno Expediente se destina às comunicações breves dos deputados. A inovação foi um sucesso, tendo os cronistas políticos uma infinidade de assuntos para as suas colunas.

telefone e inps

Para encerrarmos esta resenha, dois registros importantes: a compra e posse da maioria das ações da Companhia Telefônica Nacional pelo Governo do Estado, através da TELEPAR e as acusações do Secretário de Saúde Pública, sr. Dalton Paranaíba, sobre irregularidades nas agências do Instituto de Previdência, que funcionam no interior do Estado. Estes dois assuntos polarizaram as atenções gerais, pois tiveram como centro de debates o plenário da Assembleia Legislativa. Apesar de sua resistência, o deputado Alencar Furtado não conseguiu obstar a compra do acervo telefônico pelo governo.

MAIO E JUNHO

DOIS CENTÍMETROS DE GEADA, 1650 QUILOS DE MISSES



Depois da tempestade, vem a geada. Quando os lavradores do Norte começaram a respirar aliviados porque a longa estiagem terminara, a geada pintou de branco vastas áreas de cafeais, alcançando, nas baixadas, quase dois centímetros de espessura. E as estradas não asfaltadas, onde antes não se podia trafegar por causa da poeira, de uma hora para outra tornaram-se intransitáveis por causa da lama. Por isso, todos aplaudiram Paulo Pimentel em Maringá, quando anunciou ter contratado com sete firmas a pavimentação da rodovia Maringá-Umuarama. Foi mais uma festa dentro da grande festa da metrópole que comemorou 20 anos, mas já passou muito da maioridade. Outra boa notícia foi a decisão do IBC de conceder preços mais reais para o café. Recebendo 15 cruzeiros novos, livres de impostos, por saca de café em côco, o produtor obtém ao menos pequena margem de lucro. E o presidente do IBC, Horácio Coimbra, foi claro ao afirmar que esta é apenas a primeira etapa da atualização dos preços, congelados por uma série de sofismas anti-inflacionários da direção anterior do Instituto. Quando a guerra explodiu no Oriente Médio, foi como se houvesse uma briga dentro de nossa casa. E tanto a comunidade árabe, como a comunidade israelita do Paraná tomaram a mesma posição nesta luta: árabes e judeus brasileiros querem somente paz, tanto em nome de Alá, como de Jeová. Para os paranaenses — e sobretudo para os curitibanos — foi muito triste o dia em que os jornais trouxeram a notícia da morte de Chic-Chic, o palhaço inolvidável de três gerações de crianças de todas as idades. Mesmo doente, Chic-Chic foi até quase o último dia de vida trabalhando. Ele sabia como era importante para milhares de crianças e adultos — e não quis abandoná-los. Em Cornélio Procopio, havia 1.650 quilos de misses a procura do título de Miss Paraná. Que ficou com a representante de Jandaia — um município que já possui a campeã da beleza e ameaça possuir o campeão de futebol de 67.



TIMES DO NORTE DISPARARAM NA LIDERANÇA

A renovação do futebol paranaense tem um nome importado: Kosilek. Rápido, bom driblador, chutando com os dois pés, o artilheiro do Jandaia — estreante e líder do campeonato paranaense — mostrou que ainda há esperanças de ressurreição do futebol-gol, que a torcida já estava esquecendo. E, de repente, tornou-se tão importante marcar Kosilek, não deixar Kosilek chutar ou cabecear, que todos os zagueiros do Paraná respiraram aliviados quando o craque deu um chute no juiz Edson Pinheiro Campos. Mas o Tribunal de Justiça Desportiva só puniu o jogador por 15 dias, de maneira que apenas as defesas do Coritiba e Londrina ficaram livres do perigo. Mas, tão importante como constatar o surgimento de mais uma equipe que pratica bom futebol na Divisão Especial, é verificar a impressionante ascendência dos times do Norte sobre os do Sul. Com apenas um mês de campeonato, já estão os do Norte donos absolutos dos primei-

ros postos, enquanto Coritiba e Ferroviário, os dois principais candidatos da Capital, têm quatro pontos perdidos cada um. E o Ferroviário perdeu três pontos em casa, coisa difícil de recuperar. Por sinal, a crônica anda dizendo que o Ferroviário ainda sofre o «complexo do Robertão». Depois de 15 jogos sem ganhar uma, é difícil reencontrar o caminho da vitória. Em Vila Capanema, porém, garantem que o fenômeno é apenas passageiro e apontam a estafa de alguns jogadores-chaves como a causa dos insucessos. Independente de filiação clubística, todos os torcedores e dirigentes do Paraná tiveram uma vitória quando o governador Paulo Pimentel reafirmou sua disposição de construir o quanto antes o Estádio Estadual. E' o caminho de elevar a posição do futebol paranaense no contexto nacional. Afinal, não é proibido sonhar em sermos algum dia segundos também no esporte.

OS HOMENS SE SUCEDEM MAS A LUTA CONTINUA

Na administração estadual houve um remanejamento de quadros. O sr. José Miró Guimarães saiu da Secretaria da Agricultura e foi para a Secretaria de Viação. Em seu lugar ficou o sr. Rubens Bailão Leite, diretor financeiro da Codepar, em cuja vaga entrou o sr. Agenor Brégola. Para o outro cargo de diretoria da Codepar — o de diretor técnico, vago com a saída do sr. Vespéro Mendes — foi nomeado o sr. Bernardo Fedalto. Tudo isso foi sintetizado numa frase pelo presidente da Codepar, sr. Ercílio Slaviero: «Os homens sucedem-se, mas as funções e as lutas continuam». Na área federal, o Paraná conseguiu outra vitória, com a nomeação do sr. Adeodato Volpi para a presidência da Caixa Econômica Federal do Paraná.



Agenor Brégola

NORTE TAMBÉM GANHOU O TORNEIO DA BELEZA

O Norte está na frente também na parada da beleza. Basta dizer que as quatro primeiras colocadas no concurso «Miss Paraná» eram de Jandaia, Apucarana, Cornélio Procópio e Cambé. A eleita, Wilza de Oliveira, teve seu nome anunciado no Ginásio 15 de Fevereiro de Cornélio Procópio entre uma explosão de aplausos, confetes e serpentinas e nenhum aventureiro ousou ainda negar tivesse sido ela a mais bela entre todas que desfilarão naquela noite. Este ano, o concurso «Miss Paraná» mobilizou as atenções de todo o Estado, graças a cobertura de uma rede de 15 emissoras de rádio, além de jornais e da TV. Cornélio Procópio foi transformada, durante várias horas, na «Capital da Beleza» do Estado, e atraiu delegações de todo o Norte e até de cidades do interior paulista. Houve torcida organizada para várias candidatas, mas até no «palmômetro» a representante de Jandaia acabou vencendo. Mas a festa da beleza não se restringiu só a Cornélio Procópio. Em Curitiba foi eleita a Sinhazinha-67, uma promoção muito simpática e que alcançou grande repercussão. Em Londrina, no Canadá Country Club, foi eleita a Glamour-Girl de Londrina. Enfim, este foi um mês de muita beleza reunida. Só em Cornélio Procópio, estatísticos amadores calcularam que havia 1.650 quilos e 50 metros de beleza disputando o título. Imaginem se for para somar tudo.

UM GOVERNADOR MUITO PONTUAL

Paulo avisou que chegaria em Ponta Grossa às 8 hs. da manhã, para despachar com 15 prefeitos da região e ouvir em audiência dezenas de comissões representando entidades assistenciais, culturais, classistas e esportivas. Exatamente às 8 hs. chegou à cidade. «O homem é pontual mesmo» — comentou um prefeito, que tinha vindo pedir verba para seu programa de urbanização. Conseguiu o dinheiro e não teve que esperar um minuto sequer. O programa de «interiorização do Governo» que já foi executado no primeiro ano da administração Paulo Pimentel, prossegue com ótimos resultados. O governador

SEQUE

gosta de estar em contato direto com os líderes e com o povo de todos os pontos do Estado. E, com "o homem" por perto é mais fácil para eles provar como determinada obra é necessária para a comunidade. Em resumo, há mais diálogo e, em consequência, maior integração entre todos. Na reunião de Ponta Grossa foi assinado um convênio de grande importância entre o Paraná e o Ministério de Agricultura. Graças a ele será possível intensificar o plano de distribuição de sementes e elevação dos padrões da agricultura paranaense. É mais um resultado da luta para que a União devolva ao Paraná ao menos uma parte do muito que o Paraná entrega mensalmente à União.

MARINGÁ NA COPA DO MUNDO



O advogado Altino Borba, de Maringá, viu o papelão que os brasileiros fizeram na Inglaterra, anotou as novas táticas, conversou com torcedores fanáticos e torcedores turistas que sofreram juntos em Londres a amargura de não passar da fase de classificação no Campeonato do Mundo. O resultado é um livro chamado "Maringá na Copa do Mundo", lançado durante as comemorações ao aniversário da Cidade. Para quem não gosta de futebol (e milhares de brasileiros passaram a não gostar de futebol depois da queda) o livro conta também as impressões de um brasileiro observador sobre a Inglaterra e vários outros países europeus. Tudo dentro do mesmo estilo bem-humorado e objetivo. O lançamento do livro foi promovido pela Livraria Rui Barbosa Editora, dirigida pelo colonista Divanir Braz Palma, com um coquetel no Salão Amarelo do Grande Hotel Ferrareto. O primeiro exemplar, autografado, foi entregue ao governador Paulo Pimentel.

A VELHA RUA HOJE É UMA BELA AVENIDA

A rua era antiga, mas com as modificações e a nova pavimentação tornou-se uma avenida nova e atraente. Graças a ela muita gente que nunca tinha ouvido falar em André de Barros — o cidadão que deu nome à rua — passou a conhecer Omar Sabbag, o prefeito que após poucas semanas de administração já estava entregando à cidade uma obra importante, perfeita e acabada. Nada de inaugurações: a nova André de Barros foi aberta ao tráfego numa solenidade simples, em que o prefeito e o governador Paulo Pimentel se limitaram a retirar os avisos de «homens trabalhando». Hoje, os cavaletes já estão em outras ruas e o programa de obras prossegue em desenvolvimento rápido para acompanhar o ritmo de crescimento da capital paranaense.



SÃO BENEDITO TEM IGREJA NOVA NA HISTÓRICA PARANAGUÁ

A reabertura da Igreja da Irmandade de São Benedito, monumento inscrito no Livro de Tombo da Divisão do Patrimônio Histórico e Artístico do Departamento de Cultura do Estado, foi um acontecimento cultural de dimensões nacionais. O velho templo da cidade de Paranaguá teve sua construção iniciada em 1784 e figura como um dos principais monumentos históricos paranaenses. As obras de restauração foram iniciadas em 1965, segundo projeto do arquiteto Cyro Lúcio

Corrêa de Oliveira Lyra devidamente aprovado pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Entre as valiosas obras de arte sacra dos séculos XVII, XVIII e XIX destacam-se as imagens de Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Candeias, Santa Ifigênia e Santa Luzia, todas recuperadas pela restauradora Beatriz Pelizzetti (foto abaixo) no gabinete especializado do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, no Rio de Janeiro.



Chic-Chic não pôde ir às festas de São João. E isso porque o palhaço morreu antes das festas de Santo Antônio. Mas mandou que o espetáculo continuasse e por isso Remendão o substituiu. Oтело Queirolo, cidadão honorário de Curitiba porque o foi do Universo, era um obstinado batalhador pela permanência do circo e batia-se para que o govêrno o amparasse, criando casas de espetáculos para apresentações de companhias como faz com o teatro. Últimamente até mesmo as tintas não conseguiriam esconder a marca da doença que minava o grande artista: o câncer tomava conta de sua garganta e dos órgãos respiratórios. Morreu com 72 anos, 65 anos de circo e 58 de palhaço.

As crianças de todo o Paraná prantearam o seu desaparecimento. E no seu mundo de sonhos vão ao circo certas de que um dia dêsses êle reaparece com a sua cachorrinha de pano nos braços e ordenando: «Pula, Violeta. Pula!» Eles estão se encaminhando, um a um, para um picadeiro de nuvens da eternidade. Há anos atrás foi Espingarda que as crianças de hoje não conheceram: dava saltos espetaculares, fazia acrobacias, palhaçadas, tirava recitais de um serrote à guisa de violino ou então amarrava sinos ao corpo e com movimentos de pernas, braços e cabeça era aureolado pela música. Aproximava-se de uma lâmpada, trepado numa escada e gritava: «Apaga, Maria Luisa». Êle mesmo apagou «maria luisa», suicidando-se. Agora a doença mata Chic-Chic. Para proteger o circo, patrimônio das crianças, o jeito é esperar que o mundo adulto aplique a mensagem do artista. E ao govêrno cabe estudar a sugestão do palhaço, cujo circo nos tempos de fastígio brilhou na Europa e nos Estados Unidos da América do Norte.

SÃO JOÃO SEM CHIC CHIC





UMUARAMA,

o milagre vivo da multiplicação

REPORTAGEM DA EQUIPE

Umuarama não tem paisagem para cartão postal. A menos que se considere como tal uma cidade inteiramente em transformação, assim como certos trechos da Capital do Estado ficaram quando da abertura de novas avenidas. E isso cria um problema sério para muita gente e especialmente para duas pessoas: o fotógrafo Hakutaro Sato e o estatístico Paulo Fernandes.

O primeiro porque, além de algumas tomadas aéreas, não possui um documento que visualize o que é na realidade Umuarama. O segundo porque está aprendendo com nitidez, na experiência diária, que as estatísticas deterioram mais rapidamente do que carne fora da geladeira. Umuarama é uma cidade em transformação, ritmada pelo ronco dos motores.

Durante o dia inteiro até às 22 horas roncam os tratores e as escavadeiras. À noite roncam também — e intensamente — os motores que dão luz à cidade. Mas estes vão ser dentro em pouco testemunhos do passado com o início de operação da Usina Diesel da COPEL. Hakutaro aprendeu a amar aquela paisagem em ebulição. Está assim desde o começo. Faz confrontos de fotografias tiradas do mesmo lugar com diferença de dias ou meses: se fôsse possível fazer montagem cinematográfica como se documenta o nascimento de uma flôr ter-se-ia obtido o milagre supremo de paralisar, de tornar estático, um motivo que é a mais viva afirmação do dinamismo.

Paulo, o estatístico, está preocupado com isso, embora tenha já se ajustado à vibração: sabe a importância de dados seguros, de elementos bem colhidos no desenvolvimento de uma comunidade que tem tudo para crescer como nenhuma outra talvez em todo o Estado.

Gente de todo o Brasil concorreu para este milagre: há aqui um verdadeiro coral de brasilidade, gente vinda de tôdas as regiões e mesmo do Exterior, o que está evidente na maneira de falar e de ser. Mas, apesar dessa febre de progresso, nesses 101 mil alqueires de área não há lugar para improvisação. É que Umuarama, da mesma forma que mais 32 cidades paranaenses do norte e também do noroeste, nasceu vacinada contra distorções. Nasceu planejada com amor e técnica nas pranchetas e nos levantamentos urbanísticos da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná.

SEGUE



Para as asperezas das estradas pioneiras, o jeep é insubstituível. É para a paisagem de hoje o que o cavalo representou, há anos atrás, em áreas de penetração.

ESTATÍSTICAS DETERIORAM NA PAISAGEM EM EBULIÇÃO

A revolução teve o seu encadeamento básico no regime de propriedade. É que 29 mil dos 101 mil alqueires pertencentes ao Município são administrados pela Melhoramentos. Instituiu um módulo de propriedade — em média sete alqueires — que explica a fartura e o progresso. Vendeu-os a longo prazo, recebendo no máximo de 20 a 30% do valor como entrada. Sua orientação é inflexível com qualquer propósito de especulação: a terra, no caso das áreas rurais como urbanas, só é vendida para quem deseja produzir ou construir. Mas deu condições básicas para o desenvolvimento e assumiu também a postura pioneira que lhe cabia, comandando a construção de estradas, grupos escolares e outros benefícios e estimulando o surgimento de serviços públicos indispensáveis. Quase a metade da rede rodoviária municipal — que atinge 2.160 km — foi atacada pela empresa, cabendo mais tarde aos poderes municipais as obras de alargamento e de conserva.

O último recenseamento — o de 1960 — registrou, segundo dados do Departamento Estadual de Estatística, uma população de 20.869 habitantes, o que proporcionava uma densidade demográfica de 7,2 habitantes por quilômetro quadrado. Bem, esse quadro modificou-se extraordinariamente nos últimos sete anos com a triplicação do contingente populacional e o índice de ocupação territorial mudou para 21,5 habitantes por quilômetro quadrado.

Pelo menos era assim quando a reportagem coletou os dados, já que a movimentação humana prosseguiu com dezenas de mudanças em um só dia observadas em deslocamentos na estrada.

Até essa mobilidade parece orientada por um sistema invisível, mágico: são 21 mil habitantes na área urbana e 42 mil na rural. Acontece que o fluxo demográfico acompanha o sistema produtivo de exploração das terras. E até nesses cálculos se sente como se impõe e se projeta o plano de nucleação rural e de urbanização pôsto em prática. Caminha-se como se vê para um equilíbrio nos setores de produção. É claro que atualmente o setor primário ganha evidência, pois a agricultura é a principal fonte de riquezas ao lado da pecuária. O Instituto Brasileiro de Reforma Agrária cadastrou quase 6.000 imóveis. Mas os setores secundário (indústria) e terciário (serviços) se expandem também na transformação das matérias primas locais pelas 156 indústrias existentes e no desenvolvimento do comércio moderno e dinâmico, da rede bancária e dos serviços públicos em geral.

Mas nem todos concordam nessa questão de números. Principalmente quando Umuarama é o tema. Há os que não aceitam as indicações existentes sobre dados populacionais e já chegam até a sistematizar a sua argumentação, vinculando-a a fatores eleitorais, imobiliários e à expansão predial.

1 Na Comarca estavam qualificados 36.157 eleitores até março. No ano passado eram apenas 27 mil e já asseguravam o 5º lugar entre os colégios eleitorais mais importantes do Estado. Até dezembro deste ano eram apenas 30.433, o que dá aumento de 18,7% de lá para cá. Observadas as taxas frequentes da relação eleitor-população na região e no Estado em conjunto, mesmo cingindo-se ao município (seu eleitorado quase atinge 15 mil), a população seria ao menos cinco vezes superior à massa habilitada a votar: 75 mil no mínimo.

2 O cadastramento de 6 mil imóveis pelo IBRA levanta outra indagação, isso sem considerar a hipótese de que esteja incompleto. Ante os tipos de organização existentes na empresa rural, nem sempre de dimensões familiares embora esta seja a regra, estima-se a relação de dez pessoas em cada unidade, o que daria um contingente rural de 60 mil pessoas.

3 O número de edificações na sede é outra alegação: o agente de estatística registra em seus apontamentos 4.500 prédios. Mas mostra, também, que o índice do ano passado foi de 555 obras e o ritmo deste ano é bem maior. Com esses dados, alega-se, deve existir população bem superior a 21 mil habitantes.

Como se vê, discutir números não é como versar sobre o sexo dos anjos. Umuarama acha importante analisar números para medir o seu potencial e sentir o que está criando. E essa questão do colégio eleitoral é essencial para dar peso às suas reivindicações aos poderes públicos, como a do número de proprietários identifica também uma sociedade aberta, equilibrada, que deseja crescer sem desajustes. Havia 18.000 registros de nascimento quando NP esteve em Umuarama. E 3.070 casamentos e 3.682 óbitos. A taxa de nupcialidade cresce de maneira incessante e em maio, mês das noivas, como sempre, bateu todos os recordes: em alguns fins de semana mais de 20 casamentos foram registrados.

Porisso é que se diz que a cidade surgiu para negar diariamente as estatísticas, porque ali elas nascem — e não há aqui qualquer força de expressão ou jogo de retórica para “meeting” em clube gran-fino — desatualizadas. No duro.

Aqueles a quem coube a iniciativa de planejar Umuarama os dados não surpreendem porque a Companhia Melhoramentos, como empresa capitalista moderna, sempre confiou no homem. E dessa confiança é que brota a solidez dos seus empreendimentos porque um planejamento só é válido na medida em que não confina o homem, não o limita discricionariamente, mas fornece instrumentos para dar curso livre às suas potencialidades criadoras. Isso justifica em grande parte porque se costuma dizer que o melhor potencial da cidade é o homem, especialmente a sua juventude. E dá sentido aos números de um município que completa apenas 12 anos.

Como se disse, a agricultura é a principal riqueza. Estimativas para 1967: 353 mil sacas de 60 quilos de café, 186 mil de feijão, 1.233.000 arrobas (em carôço) de algodão, 1.448.000 sacas de milho, 11.700.000 quilos de amendoim, 173 mil sacas de arroz, 111 mil sacas de soja, 47.500 toneladas de mandioca mansa, 440 toneladas de mamona, 192 toneladas de sementes de girassol.

Na pecuária os algarismos também impressionam: 65 mil cabeças de gado bovino e 82 mil de suíno, em acordo com previsões do agente local do IBGE. Isso significa que houve em menos de três anos uma triplicação dos plantéis, pois, segundo os dados do Departamento Estadual de Estatística, a situação em dezembro de 1964 era esta: 12 mil bovinos e 30 mil suínos.

Tal ritmo se processou também intensamente na avicultura, podendo-se estimar que há ali 15 mil patos, marrecos e gansos; 1.100 perús; 150 mil galinhas, 15 mil galos, 75 mil frangos e frangas, etc.

E, na prática, o milagre bíblico da multiplicação. Lá como aqui o trabalho se une à providência divina e a fé para explicar o poder germinativo e transformador dos homens e das coisas.

Já há mesmo uma lenda entre os que se preocupam com dados estatísticos de Umuarama. A de que o analista ao recebê-los, já sabendo que foram desatualizados do dia para a noite, não tem outra alternativa se não multiplicar por três.

É um mito, o folclore otimista de uma terra aberta por pioneiros para o pioneirismo. Porém traduz uma realidade quando se refere a um mínimo de três anos.

CHUVA NA ESTRADA É FOGO: ESTRANGULA A PRODUÇÃO

Prefeitura do Município de Maringá

As ligações com os mercados consumidores ainda deixam a desejar. Mas a força da produção imporá, a curto prazo, uma solução do problema para que o governo estadual não perca o comando dos acontecimentos. A ligação Maringá-Cianorte-Umuarama é vital e há consciência disso na política rodoviária.



SEGUE

O PROGRESSO É SEM SOBRESSALTOS QUANDO OS FATORES DE PRODUÇÃO SE DESENVOLVEM EM EQUILÍBRIO

Já foi dito anteriormente que o equilíbrio dos setores produtivos faz de Umuarama uma cidade onde jamais haverá sentido no apelo à fraseologia das reformas estruturais. Ali as estruturas são de tal forma flexíveis e animadas de um dinamismo que vai gradualmente provocando deslocamentos dos fatores produtivos para os campos de mais intensa produtividade. Assim a indústria nasce e se desenvolve sem criar atritos com a agricultura, sem marginalizá-la. Ela tende a aproveitar a matéria prima da região e maximizar os índices de transformação até atingir níveis tecnológicos adequados que permitam uma adequada absorção na região dos recursos auferidos e logicamente a preços competitivos com os do mercado nacional.

Há 5 unidades beneficiadoras de algodão e isso se fundamenta no fato de que o município é o segundo produtor paranaense. E essas organizações ampliam suas instalações e renovam as suas técnicas e equipamentos para obtenção de resultados mais econômicos. Há 21 beneficiadoras de café e enquanto houver o produto em níveis de remuneração compensadora esse setor tenderá a desenvolver-se normalmente. Mas o café já não tem a primazia de anteriormente e onde a produção se mostrou mais onerosa houve erradicação para o abastecimento de outras unidades transformadoras como as 34 que operam com arroz, um frigorífico, uma fecularia (pioneira do Estado e das maiores do país, consumindo mais de 100 toneladas diárias de mandioca ou sucedâneo). Há também 31 serrarias (e o empenho é que se parta logo para a produção de laminados e de linhas superiores às oito existentes), 19 olarias, 3 tipografias, 6 selarias, 8 carpintarias, 5 serralherias, 10 de estofados e colchões, 4 de artefatos de cimento, e assim por diante.

Situada estrategicamente, Umuarama é no noroeste centro comercial de primeira grandeza, abrangendo, além da vasta área territorial do município, Alto Piquiri, Icaraima, Maria Helena, Xambê e Iporã. O equipamento comercial de que dispõe se distribui entre os 11 estabelecimentos bancários, 4 agências de automóveis, 395 armazéns de secos e molhados varejistas, 6 armazéns de barbearia, 8 de cabeleireiras, 35 hotéis, 6 pensões, 14 restaurantes, 175 bares e botequins, 25 farmácias, 15 postos de gasolina, 35 oficinas mecânicas.

Mas para que se tenha uma visão imediata do standard de vida basta verificar quantos automóveis têm. É que esses veículos dão como nenhum outro símbolo a medida do dinamismo e do poder aquisitivo de uma região. Quando NP esteve coletando dados no Serviço de Trânsito sobre emplacamento havia a previsão superior a 2 mil veículos. O levantamento do ano passado apurara 1.444 veículos assim distribuídos: 123 automóveis, 582 caminhões, 34 ônibus e 705 outros. Até o fim do ano, acredita-se que duplicará o registro do ano passado. E o velho refrão do ato de multiplicar mais uma vez afirmado.

E para tocar esse mundo promissor é evidente que Umuarama conta com a atuação de uma liderança viva de

comunidade no seu clero esclarecido (em 1968 será sede de bispado) de suas vinte igrejas, uma forte representação evangélica que como os católicos mantém obras sociais e colégios na cidade, dois atuantes clubes de serviço do Lions e do Rotary, 12 médicos, 9 dentistas, 18 advogados, dois clubes de ótimo gabarito (o Country e o Harmonia Clube de Campo), 3 associações desportivas, uma rádio-emissora — a Cultura — e dois jornais semanários. Mantém porisso mesmo elevados serviços sociais com sua rede de 7 unidades hospitalares com 102 leitos, uma das quais pertencente à Municipalidade, e constituindo esse conjunto numa das melhores médias de atendimento médico de todo o Estado. Em que pese isso, os serviços de saúde contam mais com a Prefeitura do que com o Estado. E' que ela dá alguma assistência e mantém o hospital.

Isso igualmente se repete na parte cultural: das 77 escolas existentes, apenas 4 não pertencem ao Município, três ao Estado e uma a particulares. No primário há 71 unidades com 11.623 alunos e 268 professores. No ensino médio 5 unidades com 1.527 alunos e 74 professores. No ensino comercial um estabelecimento com 60 alunos e 8 professores. Há uma biblioteca municipal e um cinema, estando outro, moderníssimo, em construção.

Indústrias como a Braswey (ao fundo, na foto), Volkart, Sanbra, Suzuki, Narata, McJaden, Máquina Noroeste, Miassaki e Moinho Primor Paulista lá estão para beneficiar as matérias primas da agricultura como o café, algodão, milho.



O Estado, como via de regra acontece nas áreas de grande desenvolvimento, não consegue acompanhar sequer as providências que a própria iniciativa privada vai tomando para atender serviços de natureza eminentemente pública. Isso mostra porque uma cidade tão nova explora o seu serviço telefônico por uma empresa de capitais locais, a Cotusa, hoje com 409 ligações automáticas.

No comportamento da arrecadação de Umuarama verifica-se, como sempre, que não há reciprocidade de tratamento tributário entre o que o governo arrecada e aplica. Já não é o caso da Municipalidade que se vê impelida a atender uma faixa de serviços essenciais que em grande parte deveria caber ao Estado. Hoje, com o automatismo do ICM e mesmo um pouco antes com as medidas de desburocratização do pagamento do artigo 20 pelo sr. Paulo Pimentel, a Municipalidade pôde ter recursos para enfrentar tais responsabilidades. Façamos o confronto de arrecadações de 1964 para cá.

Estadual Municipal

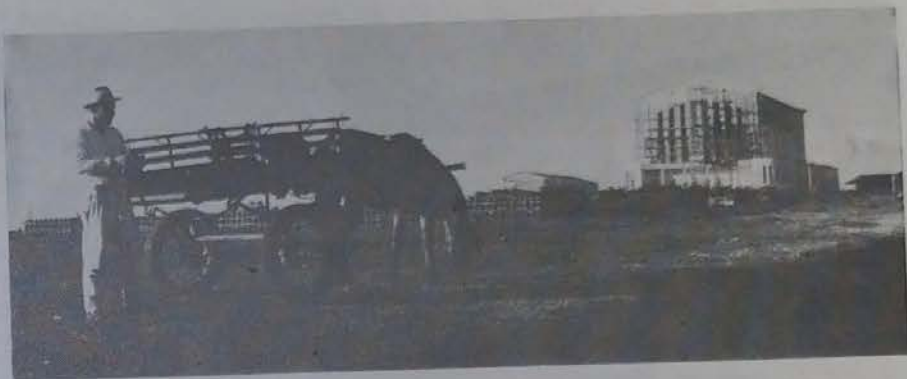
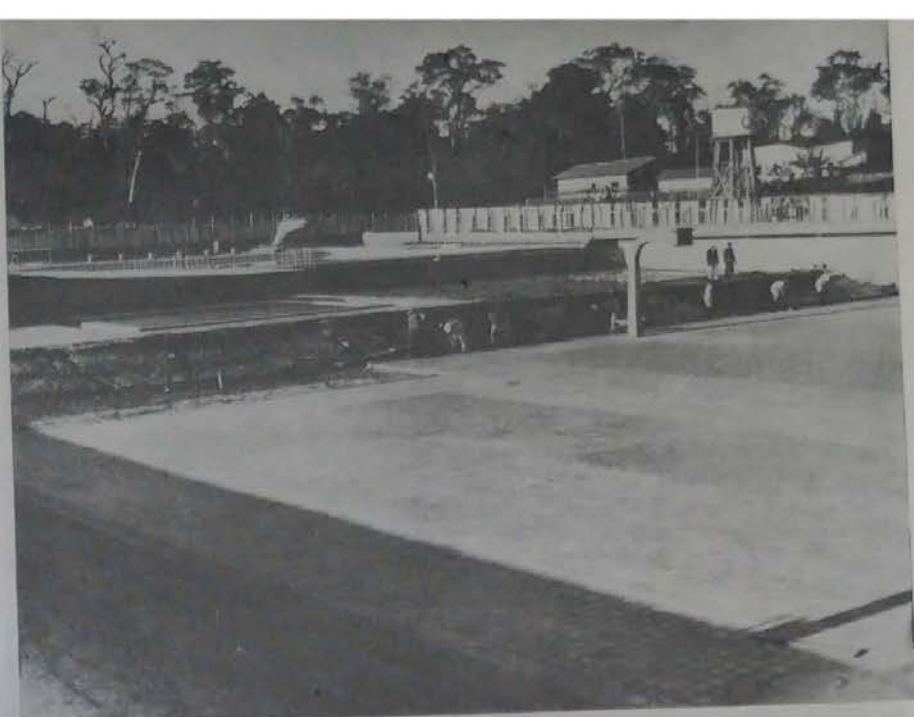
NCr\$ NCr\$

1964	912.449	150.972
1965	1.690.537	497.330
1966	3.086.229	737.097

E até maio o Estado arrecadou, este ano, NCr\$ 1.800.248,36. O setor fazendário é ativíssimo. Um coletor e um auxiliar têm conseguido prodígios, atendendo as operações de recolhimento e produzindo uma autenticação diária média de 200 documentos. Mas que deixa o Estado em Umuarama? Em maio, para uma arrecadação de 553 mil cruzeiros novos, foram despendidos 38 mil cruzeiros novos em pessoal, contas a pagar, diversos. Pode-se argumentar que o governo mantém unidades de ensino e que ergue uma grande obra, a dieselétrica, que o povo vai pagar também com taxas próprias.

SEGUE

O Country Clube (foto em cima) é um dos mais bem montados de todo o Paraná com instalações moderníssimas e arquitetura leve e funcional. A Igreja em construção é a prova da emulação existente entre várias seitas que concorrem para o progresso, mantendo obras sociais e educacionais. Há 11 bancos servindo a cidade e a agência do Banco da Bahia (foto abaixo) é a mais recente.





Maria das Dôres (à esquerda) é quem cuida do orçamento, feito à base de diálogo democrático e dentro de rigorosa técnica. Adna Tizani Albertin (em cima, sentada) responde pelo setor do pessoal. É uma juventude confiante e responsável que simboliza a nova liderança de uma comunidade de apenas 12 anos.

UMA SOCIEDADE ABERTA TEM NA JUVENTUDE O SEU MAIOR CAPITAL

A cidade forma seus líderes e a juventude é mesmo o capital mais importante desse pequeno universo que é uma comunidade das muitas existentes no Estado lançadas pela Companhia Melhoramentos. Maria das Dôres Aguiar bem representa essa juventude. Catarinense de Crisciuna, professora normalista e concluindo agora o curso comercial, ela é quem elabora a Lei de Meios, o complicado orçamento de uma das cinco mais importantes prefeituras do Paraná. Domina com segurança o complexo mecanismo e é ciosa tanto na sua execução como na elaboração.

— É como uma flor que a gente rega todos os dias! — diz, fazendo uma comparação que ela mesma acha engraçada.

Maria das Dôres é delicada, mas de uma envolvente eficiência. Responde, de memória, interpelações variadas: desde percentuais fixados no orçamento para limpeza urbana e educação a investimentos já aplicados na construção de estradas.

— Claro que já ouvi falar em orçamento-programa! responde, lembrando instruções emanadas ao tempo do governo Castelo Branco e discorre sobre as orientações que tem recebido do dr. Wilson de Andrade, diretor do DATM. Arruma o cabelo e frisa que o orçamento é plano de governo e não um registro gráfico. Na sua elaboração

dialoga com vereadores e diretores da Prefeitura para a aplicação de verbas, tudo sob a orientação do prefeito.

Pelo que tem visto e observado, acha que as prioridades essenciais de Umuarama residem no setor de água e esgotos, que preventivamente resolve os maiores problemas de saúde. O da luz e força está encaminhado com a dieselétrica. O asfalto será atacado depois das obras preventivas contra a erosão.

Mas tem uma reivindicação para ela e os jovens: instalação de uma faculdade de filosofia.

— É o curso superior indicado para nós. Para melhorar o nível do ensino em todos os graus e dar cultura humanística indispensável, criar intercâmbio, comunicação entre os diversos agrupamentos sociais.

Pessoalmente sua intenção é partir para o curso de Direito, onde quer se especializar em Direito Público e Administrativo.

Gosta de ir à piscina do Country e quando é possível vai à praia em Santa Catarina. Sempre depois de outubro, pois de julho a setembro é que as tarefas de montagem orçamentária a absorvem.

Está por dentro dos grandes acontecimentos e não deixa esconder a sua simpatia por Israel na luta do Oriente Médio. É corintiana em matéria de futebol, é mais por Ronnie Von do

que pelo brasa Roberto Carlos em jovem guarda e na literatura aprecia Jorge Amado e Erico Veríssimo.

É uma garota que denota segurança interior. É o espelho da juventude de Umuarama.

Adna Tizani Albertin, sua colega, é outro modelo de comunicabilidade e de eficiência funcional. É chefe da seção do Pessoal que ela mesma organizou. Veio de Tupã em São Paulo. De dia cuida da Prefeitura e leciona à noite. É, também, correspondente de jornais e revistas da Capital. Como Maria das Dôres, é francamente pela Faculdade de Filosofia.

— Ela abrirá mais oportunidades ainda aos nossos jovens. E criará um centro de estudos humanísticos que há de exercer, como tudo o que se faz aqui, uma generosa influência criadora na coletividade.

É porisso que Hermann Moraes Barros, diretor da Melhoramentos, tem toda a razão quando faz convocações à juventude de outros centros do Estado e do País para participar dessas odisséias. Em recente conferência em Maringá repetiu o apelo e fez uma blague amável pedindo aos jovens que venham com os cabelos compridos mesmo e substituam seus "fuques" e carros esporte por um jeep para enfrentar os ásperos, mas compensadores caminhos da prosperidade.

Umuarama faz jus ao nome tupi-guarani que ostenta, "lugar onde os amigos se encontram", e é um município aberto a todos os que desejam trabalhar. Prova disso, afóra as referências já feitas à produção e ao desenvolvimento econômico, é o caráter pacífico de sua gente. Mas a Comarca é grande e a movimentação judiciária uma das maiores do Estado, pois abrange os municípios de Umuarama, Xambrê, Maria Helena, Icaraima e Alto Piquiri.

O juiz Altair Patituci comanda com êxito os serviços do setor, desdobrando-se com a equipe de serventuários para dar andamento ao volume de processos. E entende como justa a necessidade de uma segunda vara, o que aliás é reivindicação de todos os advogados que militam na Comarca. A movimentação dos processos civis em 1965 foi de 800, subindo para 980 em 1966 e atualmente, antes de findar o primeiro semestre, já ultrapassou a casa dos 700. Não entram aí os executivos fiscais. A situação criminal dá margem a realização de uma média de seis júris por mês. De 1963 até agora o movimento, entre as mais várias denúncias do homicídio, à tentativa, ao furto, estelionato, incluindo-se o andamento de cartas precatórias é o que segue: 473 em 1963, 240 no ano seguinte, 240 em 1964, 224 em 1965, 278 em 1966 e 160 antes de encerrar o primeiro semestre deste ano.

A convivência com os poderes municipais é altamente frutuosa e ela se manifesta na campanha de qualificação eleitoral e nas melhorias que ainda recentemente a Prefeitura empreendeu no fórum, aplicando cerca de 10 mil cruzeiros novos nessas obras.

Bons colégios existem, mas os jovens já reclamam a sua Faculdade de Filosofia. O juiz Altair Patituci (foto no centro) também justifica a necessidade de uma segunda vara para atender os serviços da Comarca. O Fórum (foto embaixo) recebeu melhoramentos, para os quais a Prefeitura deu boa parcela de contribuição.



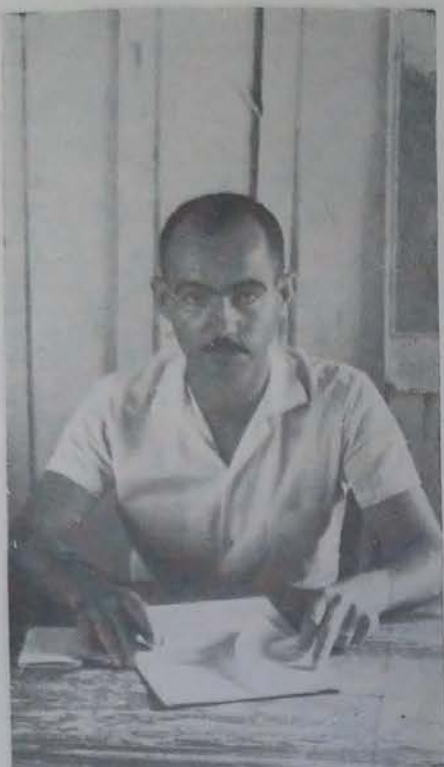
OS HOMENS, SUADOS E EXAUSTOS, CHEGAM
AO RIO PARANÁ, APÓS ENFRENTAREM 80 QUILOMETROS.
É UM VERDADEIRO OCEANO E À
FRENTE A ILHA DAS SETE QUEDAS, COM SUA PRESENÇA
VERDE, É UMA CONVOCAÇÃO QUASE MÍSTICA AO REPOUSO
E À MEDITAÇÃO. ELES ACABAM DE CONSTRUIR UMA ESTRADA
LIGANDO A CIDADE DE UMUARAMA A ESSE LOCAL, O PORTO
FIGUEIRA, QUE LHE DARÁ AREIA PARA TOCAR A FÁBRICA
DE TUBOS PARA A GUERRA CONTRA A EROSÃO. O PREFEITO
MARCIANO BARANIUK, QUE A CONSTRUIU, OLHA
SÉRIAMENTE O RIO COMO SE FOSSE
UM GENERAL QUE ACABA DE VENCER UMA BATALHA E PREPARA-SE
PARA FAZER DO CAMINHO LÍQUIDO A PISTA
DE SUA VITÓRIA FINAL.

UMUARAMA

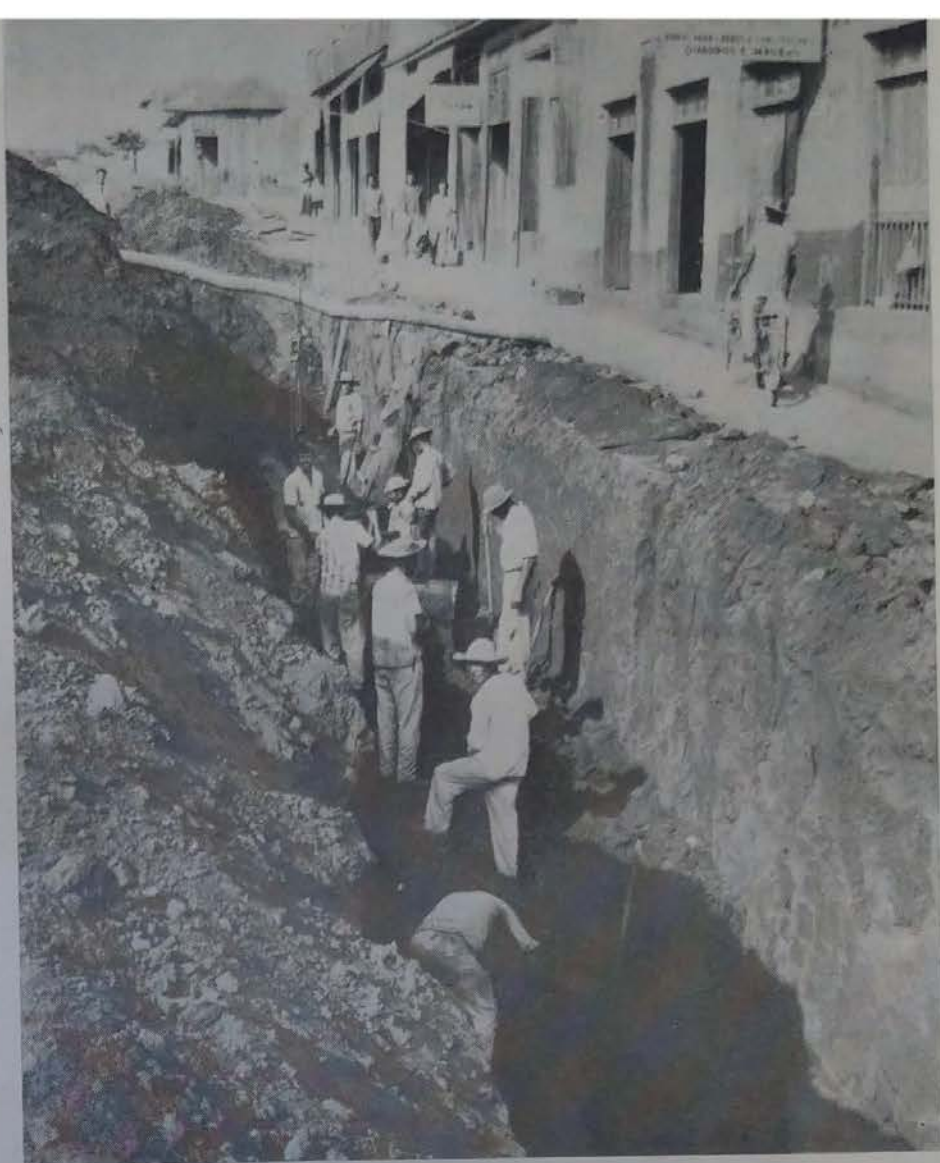
um front de obras públicas



MAIS DE 4 MIL TUBOS JÁ FORAM PRODUZIDOS NA FÁBRICA
DA PREFEITURA PARA AS OBRAS CONTRA A EROSÃO.
2.200 ESTÃO IMPLANTADOS. PARA CHEGAR A ISSO FOI PRECISO
ABRIR UM PORTO DE AREIA NO RIO PARANÁ.



Marciano Baraniuk é um adepto do planejamento. Planejamento centralizado com execução descentralizada. Ataca, em várias frentes, todos os problemas básicos do município que mais cresce no Paraná. A guerra contra a erosão (foto à direita) abre trincheiras profundas na cidade. Isso é feito para evitar que amanhã fendas e vossorocas, maiores ainda, venham destruir avenidas e engulir praças.



A estrada de Umuarama a Porto Figueira, numa extensão de 80 quilômetros até atingir o Rio Paraná, é uma espécie de «Belém-Brasília» da região. Ela definiu de saída o estilo de governar do sr. Marciano Baraniuk. Uma jogada estratégica de tal ordem justifica a comparação feita à grande rodovia nacional pois ao mesmo tempo que abria um porto de areia, matéria prima indispensável às construções, às obras e especialmente à fábrica de tubos, liberava uma via de transporte líquida de primeira grandeza para atingir com fretes baixos os mercados consumidores.

Toda a cidade se interessou pelo empreendimento que deu safógo à preocupação dos produtores que assim passaram a contar com outras alternativas de transportes, menos sujeitas aos riscos e imprevistos das ligações rodoviárias do Estado, praticamente intrafegáveis com as chuvas. Umuarama em sua ansia de progresso não poderá ficar à espera de que a ligação com Maringá, via Cruzeiro do Oeste-Cianorte, se processe, embora o ritmo atual de mais essa frente rodoviária do governo estadual ganhe impulso animador. O rio Paraná lhe deu a areia indispensável para empreender outra obra

extraordinária: a fábrica de tubos que opera em ritmo industrial e que nega na prática a imagem, nem sempre satisfatória, da empresa pública. Adquiridos equipamentos no valor de NCr\$ 23.500, ela já produziu mais de 4 mil tubos, sendo que 2.200 aplicados nas ruas da cidade para as obras preventivas contra a erosão, outra meta que alguns contribuintes, caricaturando o empenho da administração, chamam de obsessiva.

Pois essa fábrica de tubos é uma obsessão mesmo. Ela define a disposição de enfrentar a erosão no lugar mais adequado: abaixo da terra, longe das vistas do contribuinte (o que não é vantajoso politicamente, mas tecnicamente certo) para prevenir o câncer geológico que arrasa cidades inteiras e que transforma avenidas em fossas.

Consumo diário de material na fábrica de tubos: 4 metros cúbicos de areia, 5 metros cúbicos de pedra britada, 35 sacos de cimento e 150 quilos de ferro. Uma despesa no mínimo de 500 cruzeiros novos.

A produção diária é de 45 tubos que possuem várias linhas, a de 1 metro de diâmetro, a de 80, 60 e 40 centímetros.

Mas a «Belém-Brasília» trouxe mais do que instrumentos para uma guerra final à erosão com o sistema de drenagem da água através da tubulação implantada. Levou a Prefeitura a se organizar com suas próprias unidades de transporte fluvial, a equipar com alguma coisa o seu modesto porto.

— Abriu também duas frentes: uma econômica e outra social, a da integração da pesca ao complexo produtivo da região e a do turismo e da recreação!

E' o ponto de vista entusiasmado do relações públicas e do secretário da Prefeitura, Adão e Syldo. Adão é um lapeano, homem do sul como o Prefeito, mas totalmente identificado com o ritmo daquela região, o oposto da sua querida legendaria. Syldo descreve a beleza panorâmica da área ocupada pelo porto bem defronte de um conjunto de ilhas, inclusive da maior existente em todo o Estado, a das Sete Quedas.

Estrada «João Baraniuk» é o nome dessa rodovia, símbolo do esforço que municípios fazem no setor dos transportes e comunicações, abrindo perspectivas novas para milhares de lavradores e pecuaristas da região por ela cortada. Foram investidos nessa obra mais de 100 mil cruzeiros novos. **SEQUE**

AMPLIAR AO MAXIMO O EQUIPAMENTO EM MÁQUINAS É UMA DAS METAS DO PREFEITO BARANIUK

Além da estrada e da fábrica de tubos, a Prefeitura abre luta em vários fronts: no centro da cidade, as máquinas atuam incessantemente como se estivessem reconstruindo tudo. E' que se desenvolvem obras básicas para dar condições de recebimento de asfalto e outras melhorias urbanísticas.

Porém, é claro que numa região em que os índices de incremento demográfico são elevados, o atendimento à demanda escolar passa a constituir-se em exigência prioritária de todos os escalões da sociedade. Só na atual administração foram construídas 31 escolas na zona rural e a prefeitura responde por mais de 90% da rede de ensino instalada.

Obras de alargamento e retificação de traçado de estradas, como por exemplo a da que liga o município a Mariluz, numa extensão de 35 quilômetros, eviden-

ciam o dinamismo da administração local a serviço de uma ação planejada, onde as prioridades são indicadas e atacadas com uma rapidez impressionante.

Para fazer tanta coisa ao mesmo tempo é claro que não bastaria a energia da Prefeitura e a diligência dos funcionários. E' preciso haver, sobretudo, capitais mobilizáveis com a rapidez que o desencadeamento das situações exige e aí está um dos fortes de Umuarama que vende saúde financeira para poder equipar-se e levar a guerra do progresso a pontos tão distantes. A previsão da receita para este ano é de quase 1 milhão e meio de cruzeiros novos. Para ser preciso: NCr\$ 1.415.970,00. Vejamos o comportamento da receita neste ano, que totaliza, até maio, uma receita de NCr\$ 575.891,11, o que indica que a previsão deverá ser inteiramente superada:

Mês	L. C. M.	Outras Rendas	Total
Janeiro	14.876,14	44.201,20	59.077,34
Fevereiro	45.610,02	39.587,63	85.197,65
Março	58.116,33	42.434,02	100.550,35
Abril	70.134,96	71.012,84	141.147,74
Maio	103.296,22	86.621,81	189.918,03

Ante esses dados, compreende-se porque há uma generalizada euforia no hinterland, pois a atual política tributária, para a qual tanto contribui o governo estadual não criando dificuldades para que o ICM seja pago automaticamente, está obrigando as prefeituras a se atualizarem em técnicas de administração com programas específicos de investimentos públicos para que a destinação desses recursos seja a mais criteriosa possível.

Umuarama é um exemplo nesse particular. Seu orçamento é plano de governo e as inversões estão à vista de todos na movimentação extraordinária de obras públicas. Os gastos com pessoal — que sempre se constituíram num pesadelo — aí não chegam a 30% da previsão. Em números: 42 mil cruzeiros novos, dos quais 9,2 mil se destinam ao pagamento do professorado.

Na administração de Marciano Baraniuk houve empenho, para que o programa de obras se desenvolvesse a contento, em ampliar ao máximo o equipamento de máquinas. Foram adquiridas na atual gestão 1 moto-niveladora Hubber Warco (NCr\$ 96.770,00), 1 pá carregadeira (NCr\$ 72.750,00), 1 trator de esteiras Caterpillar (NCr\$ 60.534,09), 1 Hubber Warco (NCr\$ 111.600,00) e 1 trator Caterpillar (NCr\$ 63.983,58). Elas se destinam aos melhoramentos urbanos, mas principalmente a ação rodoviária na conservação e aperfeiçoamento dos 2.160 quilômetros de estradas e 164 quilômetros de ruas. Ainda necessitam de mais máquinas, mas enquanto elas não vem o índice de aproveitamento é levado às últimas consequências, trabalhando em vários turnos até às 22 horas.

Além daqueles citados, conta a Prefeitura com outros equipamentos: 2 jeeps, 1 rural, 2 basculantes 1 Mercedes, máquina para o pórtio de areia e maquinário para fábrica de tubos.

O fornecimento de energia, com a entrada em operação da Usina da COPEL, dará à região uma disponibilidade de 3.500 kw e o sistema anterior, da diesel

Em todas as avenidas o quadro é este: a operação preventiva (colocação de tubos) vai dar segurança às obras posteriores de meios fijos e de asfaltamento.



da municipalidade e dos motores particulares, será uma coisa do passado.

O prefeito é um homem modesto. Não cansa de afirmar que os méritos eventuais de sua ação devem ser divididos com o governo estadual e com a Companhia Melhoramentos. Destaca o papel da empresa no estímulo ao espírito de liderança na comunidade e ao apoio que empresta a várias iniciativas nos mais diversos setores. Lembra que ela tornou possível o oferecimento de uma solução adequada para os problemas de saúde pública, que a simples unidade hospitalar da Prefeitura e o médico do Estado, que agora começa a fazer funcionar ali um posto de atendimento, não podem cobrir. Estimulou a iniciativa dos médicos da cidade em construir um hospital regional de porte, associados num empreendimento, no qual o Estado participaria com metade do capital, oferecendo a área de terreno.

Disse que além dos fundamentos do desenvolvimento urbano e rural que ela possibilitou com seu verdadeiro plano diretor está presente nas iniciativas que visem melhores condições de recreação como aconteceu quando cedeu o terreno e forneceu outros auxílios para a construção do Country Clube, um legítimo orgulho de Umuarama, por se constituir numa das melhores sociedades de todo o Estado.

«— E em pouco tempo — afirma voltando a falar sobre o centro urbano — nós teremos aqui mais do que uma paisagem de cartão postal, abrangendo o núcleo mais característico de área densamente edificada e bem servida de atrativos urbanísticos em praças, jardins e avenidas asfaltadas. Será uma pequena metrópole construída à base de sacrifícios, mas de uma irresistível fé na capacidade realizadora de todos os homens. Será o espelho onde iremos mirar o que somos capazes de fazer e no conjunto dessa realização geral haverá sempre, marcante, a presença da atuação de cada um dos que para cá se deslocaram.»

Umuarama terá mais definido o seu cartão postal. Mas em cada dia uma imagem nova ocupará o panorama. Um edifício, uma residência, um colégio, uma rua pavimentada, uma arborização modificada nos tons de luz e de cor. Tudo em permanente estado de mudança, porque aqui não há lugar para a estagnação.

A atuação rodoviária municipal é impressionante: 2.160 Km. de estradas e 164 km. de ruas. Tal esforço exige equipamento moderno. Se o DER fizer a sua parte, num ritmo ao menos assemelhado, a decolagem do município será incontrolável. A Prefeitura está participante em todos os setores e coopera com organismos do Estado e da União. Em suas dependências foi instalada (foto ao lado) uma seção da Junta de Alistamento Militar.



A DESCOBERTA DO PARANÁ

Por Eugênio Larionoff

Afinal, quem primeiro pisou em território paranaense: os portugueses ou os espanhóis? O fato de estar situado a oeste da linha de demarcação de 1494 criou para o que hoje é nosso Estado o que se pode chamar de «vocação hispânica». Mas Eugênio Larionoff revela, neste artigo, que o primeiro desbravador foi um português, Aleixo Garcia. As pesquisas de nosso colaborador levaram-no a obter o texto original — escrito há 400 anos — por outro precursor, Alvar Núñez Cabeza de Vaca, intitulado «Comentarios», por sinal o único exemplar ainda existente na Livraria Universal de Assunção, Paraguai. Assim, o «faro» de Larionoff, aliado à sua irresistível vocação para viajar (nem que seja nos livros) permitem a NP publicar agora uma valiosa reconstituição dos primeiros momentos do homem branco na terra roxa.

O primeiro desbravador do território que hoje é o Estado do Paraná e das cataratas do Iguaçu é o português Aleixo Garcia, figura lendária que faz parte do séquito de Juan Díaz de Solís, que no ano de 1515, em 3 caravelas, navega da Espanha para a América do Sul e em 1516 chega a um imenso estuário, de águas barrentas, que hoje se chama Rio da Prata. Nas costas do Uruguai de hoje, ele encontra a morte nas mãos dos índios charuas, que o comem. Após a morte de Solís, 2 navios retornam à Espanha, porém o terceiro, com Aleixo Garcia, sobressobra nas costas da Ilha de Santa Catarina, no local em que hoje se situa a cidade de Florianópolis. Salvam-se ele e mais 17 tripulantes que passam a residir nessa ilha, onde Aleixo aprende a língua guarani.

DO LITORAL AO IMPÉRIO DOS INCAS

Começa, agora, uma das mais audazes aventuras do descobrimento e da conquista. Em 1524, com alguns poucos companheiros, Aleixo penetra no território desconhecido, que hoje é o Estado do Paraná, e indo sempre para o Oeste, descobre as cataratas da Foz do Iguaçu. Dessa maneira, pela primeira vez, nesse ambiente majestoso de grandes quedas de água, que levantam para o céu sua espum

ma branca e provocam tremores nas terras adjacentes, surge um homem branco vindo das terras longínquas do além-mar. Aleixo cruza o caudaloso rio Paraná e se embrenha no território de terra roxa e de vegetação exuberante, que hoje se chama Paraguai, indo até o rio do mesmo nome, mais ou menos perto do lugar onde atualmente se acha a cidade de Assunção. Ali concebe o audacioso plano de invadir o grande Império dos Incas, para se apoderar do ouro e da prata que revestem as suas cidades. Para esse fim consegue a ajuda de 2.000 guerreiros chiriguano e com esse exército atravessa o Chaco, alcança os Andes e saqueia as cidades que encontra no seu caminho. Até hoje as ruínas dos povoados de Inca-lajta, perto de Cochabamba, na Bolívia, são testemunhas mudas da violenta passagem do primeiro homem branco que pisou o Império dos Incas, muito antes que Francisco Pizarro e seus companheiros. Huayna Cápac, o Imperador dos Incas, com seu poderoso exército enfrenta os invasores e os obriga a retroceder. Já Aleixo Garcia tem em seu poder um tesouro em ouro e prata tomado aos Incas. Resolve regressar. Porém a morte o espera no inóspito Chaco. É assassinado pelos seus próprios aliados índios e o paradeiro do seu tesouro passa a constituir um mistério e um tema para especulações nos séculos vindouros.

A VEZ DO INTERIOR DO ESTADO

Passam uns 15 anos e chega a vez do Interior do atual Estado do Paraná ser descoberto. No dia 2 de novembro de 1540 deixa a Espanha uma expedição de 2 naus e 2 caravelas com 400 homens bem armados e 46 cavalos, comandados por Alvar Núñez Cabeza de Vaca, já notável por suas «andanças» na Flórida, Texas e México, onde convive 6 anos com os índios, primeiro como escravo e logo depois como taumaturgo. Navegam durante 5 meses, duração comum para aquela época. Há um trago muito humano no relato dessa viagem: um grilo, trazido da Espanha por um marinheiro e que permanece sempre mudo, de repente canta ao aproximar-se o navio da terra, assim alertando os marujos e salvando-o dos rochedos da costa. Depois, esse grilo canta durante toda a navegação pela costa do Brasil.

No dia 29 de março de 1541 chegam à Ilha de Santa Catarina. Aqui a expedição se divide: 140 homens seguem com as caravelas para o rio da Prata e Assunção, enquanto Alvar Núñez Cabeza de Vaca com 250 homens e 26 cavalos empreende a grande viagem, a pé, para Assunção, no dia 2 de novembro de 1541. Ele e seus companheiros não seguem a rota de Aleixo Garcia. Desejam penetrar no Interior para fins de descobrimento. Começam a atravessar a Serra do Mar que, como um paredão verde, ergue-se em frente. Durante 19 dias ultrapassam grandes montanhas, abrindo picadas para que os homens e os cavalos possam passar. A região está completamente despovoada. Já começam a padecer fome.

Um dia, saem para os grandes campos e encontram as primeiras povoações dos índios, que cultivam milho, plantam mandioca e criam galinhas e patos. Estes, que já sabem da vinda dos espanhóis, recebem-nos bem e fartamente os alimentam.

E assim, caminham de aldeia em aldeia, em direção ao Nordeste. O hábil tratamento político que Cabeza de Vaca dispensa aos indígenas pagando-lhes pelos mantimentos, faz com que os espanhóis sejam sempre recebidos como amigos. Anexa as terras descobertas à Coroa da Espanha, mas não lhes participa, para não despertar medo e animosidade. Apenas os cavalos atemorizam os indígenas, aos quais dão sempre o que comer, pensando assim apaziguá-los.

No dia 3 de dezembro chegam ao rio Tibagi, que atravessam com grande dificuldade, pois o rio é muito fundo e a água corre com fúria e força. Ali se encontram com um índio batizado, chamado Miguel, que, vindo de Assunção, se prontifica a guiá-los até lá.

Até o dia 19 de dezembro o caminho é feito através da mata virgem, sem encontro de povoações. Atravessam as serras e muitos córregos, sobre os quais constroem pontes. Vinte homens vão sempre na frente, abrindo as picadas. Estão no mês de dezembro, na época de maior calor e das grandes chuvas. É preciso dar asas à imaginação para vê-los caminhar entre as gigantescas árvores, cuja densa folhagem esconde o céu, onde a atmosfera é quente e impregnada de umidade, e o silêncio é total, salvo os sons ocasionais de sua rica fauna. Mas, caminham sempre. Os cavaleiros envergavam suas peças de armadura, os arcabuzeiros e besteiros vestem «escaupil»; todos têm à cintura espadas de fino aço da Castela. Estão a 24° 30' latitude Sul.

FIM DA GRANDE AVENTURA

Agora caminhando em direção ao Oeste, no dia 14 de janeiro atingem a zona do rio Piquiri, a 25° latitude Sul, onde encontram prósperas aldeias de índios, os quais cultivam terra e possuem aves e animais domesticados. Descansam por algum tempo nessa terra de abundância que acham a mais fértil do mundo!

Finalmente atingem o rio Iguaçu. Os índios da margem do rio Paraná avisam-nos que a tribo hostil aos espanhóis está aguardando sua passagem por esse rio a fim de atacá-los. Por essa razão resolve Cabeza de Vaca dividir seus homens: oitenta descem o rio em canoas e o resto, com cavalos, caminham pela margem. A veloz correnteza leva as canoas rio abaixo. De repente ouvem um estrondo e notam uma espuma branca a levantar-se. São as cataratas. Assustados, conseguem encostar as canoas à margem e, levando-as nos braços, caminham ao lado das majestosas quedas de água. Rembarcam e chegam à Foz do Iguaçu ao mesmo tempo que o restante da tropa. Lá os espera uma formação de guerreiros guaranis; todos emplumados, pintados de diversas maneiras, e com seus arcos e flechas nas mãos, prontos para a batalha. Porém, o profundo conhecimento, por parte de Cabeza de Vaca, da mentalidade dos índios, e a fama de um homem de bem, evitam, no último momento, a luta feroz entre os espanhóis e os guaranis e por meio de conversação e presentes, ele e seus homens conseguem atravessar em balsas duplas o caudaloso rio Paraná. Apenas um espanhol perece nos grandes redemoinhos dessa rio que tem tanta força de água e tanta profundidade.

No dia 9 de março de 1542, Alvar Núñez Cabeza de Vaca e seus companheiros entram em Assunção no meio de muito regosio da população pelo término feliz dessa memorável jornada.

ANUNCIE NA

FÔLHA DO NORTE DO PARANÁ

COBERTURA TOTAL

DE TODO O

NORTE DO ESTADO

MARINGÁ

PRÍNCIPE HOTEL



SERVIÇO DE QUALIDADE
60 APARTAMENTOS COM TELEFONE

Rua Piratininga s/n — Fone 1506 — MARINGÁ

Restaurante e Churrascaria GUARANI



Serviço «a la carte» — Cosinha internacional

Completo "Buffet" para inaugurações
Aceita encomendas para banquetes, bolos para festas de casamento
Rua Néo Martins, 2426 (fundos) — Fones: 1176 e 1951 — MARINGÁ

ESQUEMA NÔVO, E

«O ESQUEMA FIXADO OFERECE, IND
LUCRO À CAFEICULTURA, TANTO
ECONÔMICA HORIZONTALIZADA
MAQUINISTAS E EXP

VAN DER BROOKE



Quando foi divulgado o esquema financeiro para a comercialização da presente safra cafeeira, o "Jornal do Brasil" imediatamente protestou insinuando que o aumento de preço teria repercussões negativas em outras áreas da agricultura, pois "a alta rentabilidade do café tem sido, através dos anos, o principal fator desestimulante da produção de outras lavouras". Em compensação, um credenciado representante da cafeicultura paulista, Salvador de Toledo Artigas, afirmou que os preços do IBC eram "decepcionantes", pois "além de não atenderem aos mais modestos anseios da classe produtora, não terão condições para concretizar os elevados objetivos que esperam nossas autoridades" (O Estado de S. Paulo, 18-6-67). Quem está com a razão? NP fez essa pergunta a alguns dos mais destacados líderes paranaenses e deles ouviu uma afirmação que não é pessimista, nem otimista: apenas realista. Eles acham que o Estado não obteve o que merece e necessita, ainda desta vez. Mas — e isto é muito importante — reconhecem que o Governo federal está fazendo um esforço honesto para compreender e atender às reivindicações da cafeicultura nacional — que ainda por muito tempo será nosso maior instrumento de arrecadar divisas e promover o desenvolvimento do país, proporcionando meios para as importações.

Apesar de tudo, haverá lucro — Para o Secretário da Fazenda, Luiz Fernando Van Der Brooke, desta vez a cafeicultura não terá prejuízos. "É impossível — diz ele — medir exatamente as resultantes econômicas do novo preço do café. É viável, contudo, diagnosticar tendências. Haverá, acreditamos, satisfatório volume de circulação mercantil do produto e das demais riquezas, por via de consequência. O esquema fixado oferece, indiscutivelmente, margem de lucro à cafeicultura, tanto aos que têm estrutu-

ra econômica horizontalizada, como aos produtores, maquinistas e exportadores, tratados isoladamente, ou verticalizada, como às cooperativas. Em resumo, quanto maior for a remuneração do produto, maiores serão as tendências de replicação dos resultados em outras áreas privadas, refortalecendo, por conseguinte, a conjuntura econômica local."

O que fazer com o tipo 6? — Entretanto, nesse balanço geral, muita coisa ficou por fazer, na opinião do ex-Secretário da Fazenda Orlando Mayrink Goes, um dos mais esclarecidos líderes da economia cafeeira. "O Paraná possui grandes estoques de café do tipo 6 que ficaram fora da área de comercialização — lembra ele. Esses cafés representam uma percentagem ponderável da produção total e se ficarem fora do mercado representarão um sensível encarecimento do custo de produção. Não vejo porque não possa o Brasil utilizar o tipo 6 e mesmo o tipo 7 para fazer concorrência aos nossos maiores competidores no mercado internacional, os africanos. Se os cafés "duros" são vendidos a 27 centavos de dólar por libra pêso, nossos cafés actua do tipo 5, que são comparáveis aos africanos e possuem paladar, poderiam alcançar preços superiores, concorrendo numa área inteiramente nova".

O importante é compreender — "De qualquer forma — prossegue o sr. Orlando Mayrink Goes — devemos entender o preço agora fixado pelo Instituto Brasileiro do Café como uma etapa do trabalho de todos para obter uma justa remuneração pela produção. Não era de se esperar que, após três anos de preços congelados, estivesse o Governo Federal em condições de modificar violentamente a sua política cafeeira, pagando de uma única vez a diferença retida

NP

ESPERANÇA NOVA



MAYRINK GOES

INDISCUTIVELMENTE, MARGEM DE
NTO AOS QUE TEM ESTRUTURA
ADA, COMO AOS PRODUTORES
EXPORTADORES»

Quem acompanha o cuidado com que a nova administração federal evita alterações radicais no programa de combate à inflação do Governo anterior, compreende isso. Uma reação violenta da cafeicultura paranaense ao novo esquema financeiro não serviria para outra coisa senão desgastar o presidente do IBC, Horácio Coimbra, e o ministro da Indústria e Comércio, Macedo Soares, dois homens que vêm conseguindo manter um diálogo produtivo com os homens do café.

Nada de vedetismo. — Dentro dessa mesma preocupação de evitar os exageros de algumas áreas, o presidente da Federação da Agricultura do Estado do Paraná, Paulo Patriani, afirma: "Como único órgão do empresariado rural paranaense oficialmente reconhecido pelo Governo federal como porta-voz da lavoura, a FAEP não é vedeta, não faz e não apoia pronunciamentos demagógicos. Embora formule reivindicações arrazoadas, nem por isso desprestigia o presidente da República, o ministro da Indústria e Comércio e — especialmente — o presidente do IBC e o governador do Paraná. Reconhece nessas autoridades boa vontade e disposição de acertar, quer fazer valer sua opinião consultiva e repudia pronunciamento de entidades espúrias, que servem aos interesses promocionais de quem tem ambições políticas, mas desservem à cafeicultura e ao próprio País".

O que a cafeicultura quer. — Lembra a FAEP que suas reivindicações são as mesmas do Estado do Paraná: inclusão dos cafés do tipo 6 na pauta de exportações e antecipação da bonificação de NCr\$ 5,68. "Tanto um como outro seriam satisfatórios, sem as consequências na economia nacional e na política de contenção financeira que adviriam dos

absurdos reclamados por falsos arautos da cafeicultura" — afirma o sr. Paulo Patriani, que decidiu constituir comissões de alto nível, integradas por líderes das classes empresariais rurais e técnicos em cafeicultura, para estudar oficialmente os esquemas das safras cafeeiras, visando fornecer subsídios antecipados e "a posteriori" ao Governo federal, para um melhor acerto da política cafeeira em suas implicações internas e no exterior.

O que o Estado ganha. — A safra que começa a sair pelos portos nacionais vai trazer, independente de seu volume, uma boa arrecadação para o Estado. Quem afirma é o Secretário da Fazenda. "Uma saca de café — diz Luiz Fernando Van Der Brooke — produz atualmente no Paraná NCr\$ 4,90 (13% sobre NCr\$ 37,70), no sistema de cobrança única do IVC, em vigor até 30 de junho. Na venda de café ao IBC, uma saca tem condições de produzir, a partir de 1º de janeiro, na rubrica do ICM, NCr\$ 6,10 (80% da alíquota de 15% sobre NCr\$ 50,60). No café a ser exportado, a saca poderá produzir, aproximadamente, sem descontos de reintegro, etc., NCr\$ 7,50. Haverá, ainda, a hipótese do café sair com destino a São Paulo, sem embargo do porto de Paranaguá oferecer hoje vantagem na colocação internacional do produto, considerando o valor de registro para as declarações de venda — menor que o do porto de Santos. Anote-se que o importador pagará, em Paranaguá, menor preço pelo café e aí, portanto, deverá ocorrer a maior procura do produto. Existe, ainda, a possibilidade de o café ser industrializado. Não se levando em consideração a tributação nessas duas últimas destinações do café, teríamos como média de arrecadação por saca, sem possíveis deduções, NCr\$ 6,80 (IBC e exportação). Haveria, portanto, em tese, uma

diferença de NCr\$ 1,90 por saca, relativamente à tributação estadual".

As perspectivas do café. — Assim, estamos diante de uma situação que, se não é a ideal, representa sensível melhoria em confronto com os anos anteriores. E o reflexo disso aparece como uma esperança a ser capitalizada não só pela cafeicultura, como também pelos demais setores da economia paranaense, diretamente beneficiados com a irrigação de capital. Quais serão, todavia, as perspectivas para o futuro? Há motivos para se esperar do Governo Federal que pague, afinal, o que vem sendo reivindicado? A resposta otimista do sr. Orlando Mayrink Goes parece sintetizar tudo o que pensam os cafeicultores de nosso Estado. "Temos hoje à frente do IBC — diz ele — um homem capaz de compreender as necessidades da lavoura cafeeira. E no Ministério da Indústria e Comércio há também um ministro que gosta do diálogo franco e não hesita em adotar atitudes igualmente francas. Nós, paranaenses, somos proprietários dos últimos solos adequados à cafeicultura em fase de grande produção. Basta dizer que o rendimento em certas regiões do Paraná é até seis vezes superior ao da lavoura paulista. Temos a produção, temos a bebida, falta-nos apenas o tipo. Será um trabalho difícil, principalmente porque o custo de mão-de-obra foi ainda mais onerado com as disposições do Estatuto da Terra que incluem no salário a chamada "meia". Com isso, praticamente desapareceram a produção intercalar. Mas, acima de todas as dificuldades, pára a certeza de que o Brasil precisa produzir café e que o melhor lugar para produzir café é aqui na terra roxa paranaense. Daí o crédito de confiança no futuro, que é mais um crédito de confiança em nossa própria capacidade de trabalhar e produzir".

NOS 20 ANOS DE MARINGÁ A FESTA FOI DE TODOS



As palmas que acompanharam o desfile dos representantes das diversas comunidades étnicas que coexistem em Maringá serviram para constatar o orgulho dos moradores da cidade pelo quadro de integração social, cultural e política alcançado após 20 anos de existência.

A festa dos 20 anos de Maringá foi isso: a reafirmação de que existe no novo Paraná um espírito fraternal de receptividade e confiança em todos aqueles que desejam trabalhar para o desenvolvimento desta terra. E entre estes está certamente o governador Paulo Pimentel — um homem do Norte, preocupado com o progresso das regiões de colonização mais recente. Ele anunciou, sob aplausos de milhares de maringaenses, que havia assinado contrato com sete firmas, para construção e pavimentação da nova estrada entre Maringá e Umuarama.

O significado dessas comemorações especiais — a integração étnica e a integração geográfica — é importante para todos que lutam para construção de um Paraná mais politizado e menos político; onde não existam divisões, nem preconceitos regionais; e onde o único critério de avaliação seja o do progresso.

Estas são as principais observações de líderes políticos e das classes econômicas de Maringá, após as festas do 20º aniversário de fundação da cidade. Eles estão convencidos de que foi alcançado um importante marco no desenvolvimento municipal. O que antes era apenas esperança, transformou-se em esplêndida realidade e tende, cada vez mais a consolidar-se em termos de pujança e dinamismo.

A festa dos 20 anos começou com salvas de canhões, de unidades militares de Curitiba e Ponta Grossa, especialmente deslocadas até Maringá para participar dos festejos. Prosseguiu com desfile de milhares de soldados, colegiais e membros dos grupos étnicos, de clubes e associações. Mais tarde, foram inauguradas diversas obras e visitadas outras que estão em andamento: são novas avenidas, novos serviços públicos (inclusive a moderníssima estação de tratamento de água, que está entre as mais perfeitas do Brasil), novas instalações para estabelecimentos escolares, judiciais e outros.

Na Câmara Municipal, o governador Paulo Pimentel e o secretário de Educação, Carlos Alberto Moro, receberam títulos de cidadão honorário de Maringá, juntamente com outras personalidades da vida política e cultural da cidade. Houve — como observou um vereador — a preocupação de consolidar ainda mais as íntimas ligações dos novos cidadãos com aquele pedaço de terra e «aquela imensidão de novos planos e novas esperanças».

Outra observação freqüentemente feita era a da profunda participação popular nos festejos. Todos e cada um tomavam parte nas comemorações coletivas e, ao mesmo tempo, realizavam uma comemoração particular, pelo muito que haviam alcançado em termos de desenvolvimento comunitário e regional.

O governador Paulo Pimentel recebeu o título de cidadão honorário das mãos do prefeito Luiz de Carvalho. A direita deste, na foto, o presidente da Câmara de Vereadores de Maringá, Kazumi Taguchi.



Grupos étnicos, representando comunidades vindas de vários pontos do mundo, mostraram o magnífico espetáculo de integração social que é Maringá de hoje. O secretário de Educação, Carlos Alberto Moro, (foto à direita) também foi distinguido com o título de maringaense honorário.

«Na realidade — disse um popular — o aniversário é de cada um de nós». E o prefeito Luiz de Carvalho, um homem que chegou a Maringá quando a cidade praticamente ainda não existia, concorda com isso. «Conseguimos obter o máximo de entendimento entre todos os escalões da administração e o povo; por isso hoje o povo é governo e o governo é povo. Assim, a festa é de todos».

Acredita-se que pelo menos 40 mil pessoas participaram da gigantesca comemoração, que assinalou como que um marco definitivo na emancipação política e econômica de Maringá, hoje ingressando definitivamente no setor da industrialização de suas riquezas e se fixando como uma das mais importantes metrópoles paranaenses.

A presença do governador Paulo Pimentel, de autoridades estaduais, fede-

rais e de outros municípios nada mais é do que o reconhecimento dessa emancipação e a manifestação da profunda confiança no futuro da cidade batizada com o nome da canção de Joubert de Carvalho.

«Quando haverá outra festa como esta» — perguntaram a um homem que passava.

«Sempre que Maringá existir» — respondeu.

Do palanque oficial, foto à esquerda), o governador Paulo Pimentel, ladeado por autoridades civis e militares, assiste ao desfile comemorativo aos 20 anos de Maringá. Dona Ivone Pimentel, ao seu lado, foi uma das espectadoras mais entusiasmadas do espetáculo. Uma surpresa foi reservada ao governador do Estado. Um grupo de estudantes de Avaré — sua cidade natal — foi até Maringá participar dos festejos e cantar em homenagem a Paulo Pimentel.



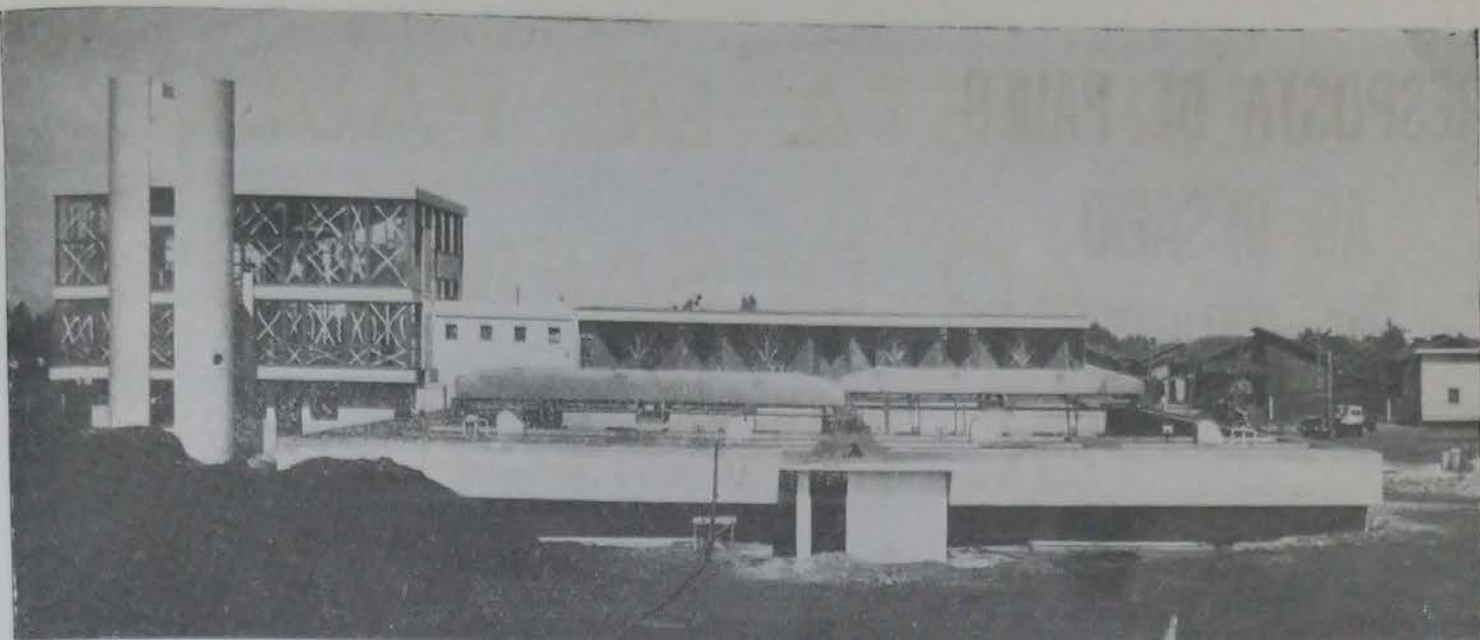
RESPOSTA DE PAULO AO DESAFIO DE MARINGÁ

Uma cidade em crescimento explosivo: 37 mil casamentos, 72 mil nascimentos, contra apenas 13 mil mortes em 20 anos; zona urbana triplicada em apenas dez anos, com a ereção de milhares de novas casas, prédios e arranha-céus; novos problemas de abastecimento de água, de transporte, de ensino, de hospitalização, de assistência à agricultura. Assim é Maringá uma das mais jovens e dinâmicas metrópoles do mundo.

E, por ser jovem e dinâmica, uma das que mais necessitam de investimentos públicos para obras de infra-estrutura. É entusiasmante o espetáculo — mas é também um desafio à capacidade administrativa dos governantes. E que fez o govêrno de Paulo Pimentel para responder ao desafio de Maringá? A resposta não está em relatórios oficiais, mas em pedra, cimento e aço.

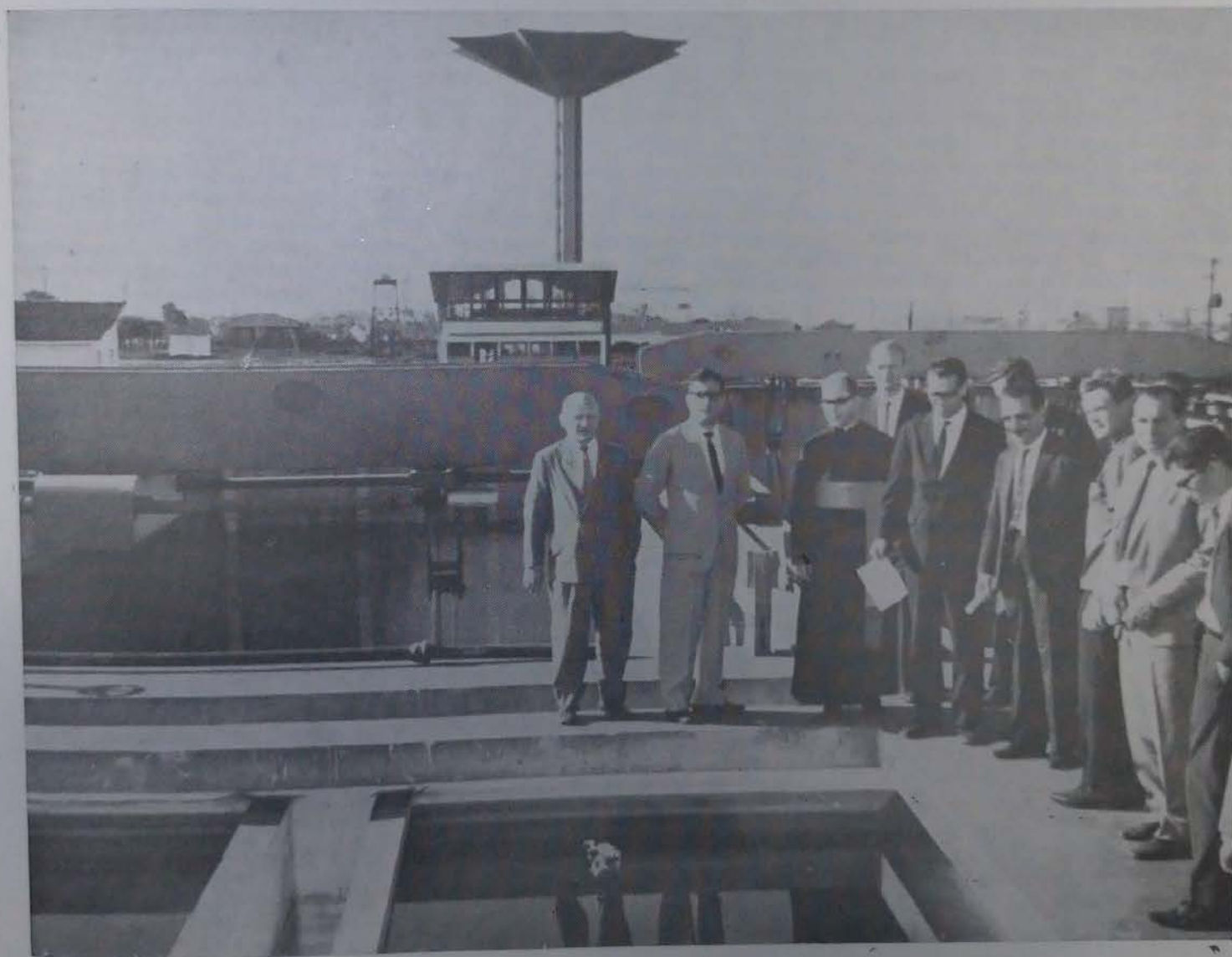
São centenas de obras, que vão desde à assistência ao lavrador, pela distribuição de sementes, pelo financiamento e pela assistência técnica, até complicadas obras de abastecimento de água e de eletrificação.

Estas obras significam muitos milhões de cruzeiros novos, mas não são feitas de favor. Constituem uma maneira de o Paraná retribuir a Maringá o muito que tem dado ao Estado. Em têrmos de arrecadação, basta lembrar que em 1966 foram recolhidos 11 milhões de cruzeiros novos pelo Estado e 3,5 milhões pela União. O correspondente ao orçamento anual de vários Estados da União. E deve-se lembrar ainda que Maringá, como tôda a região produtora de café não recebe senão uma parte do valor daquilo que produz, em consequência do confisco cambial.



A NOVA ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE ÁGUA — UMA DAS MAIS MODERNAS DO BRASIL — RECEBEU MAIS DE UM BILHÃO DE CRUZEIROS EM FINANCIAMENTOS DA SANEPAR.

SEGUE



RESPOSTA DE PAULO

AO DESAFIO

DE MARINGÁ

1 — No setor agrícola, o Posto de Sementes e Mudas mantido pela Café do Paraná — que dá assistência a sub-postos espalhados por 15 municípios da região — distribuiu 9,6 mil sacas de sementes de algodão, 5,7 mil sacas de sementes de milho, 2,6 mil sacas de sementes de amendoim, 1,5 mil sacas de semente de soja, 400 sacas de sementes de trigo e 100 sacas de sementes de feijão. A Copasa, que mantém em Maringá uma unidade armazenadora com capacidade para 5,7 mil toneladas ou 94 mil sacas, firmou um contrato de financiamento de 360 milhões de cruzeiros antigos para aquisição e montagem de três conjuntos de máquina de deslintagem de caroço de algodão, pré-limpeza e enfardamento do linter para as unidades armazenadoras de Maringá, Assaí e Cruzeiro do Oeste.

2 — Se, em matéria de energia elétrica, Maringá possuía, em 1956, apenas uma usina Diesel já com potência aquém da demanda, o quadro hoje é bem diferente. O município tem linhas de transmissão para Marialva, Apucarana, Alto Paraná, Mandaguaçu e Floriano, num total de 140 quilômetros de rede já concluída, além da rede de distribuição da cidade, com 341 circuitos e sub-estação abaixadora para 9.375 kW.

Estão em fase final as obras de instalação de nova usina Diesel com 7.000 kW de potência e a ampliação da sub-estação abaixadora.

3 — Ainda este ano serão investidos em Maringá mais 350 milhões de cruzeiros antigos em equipamento de tele-comunicações, para assegurar o funcionamento da rede de emergência, que liga Maringá diretamente a Curitiba através de seis canais que operam em U.H.F. Outros seis canais farão a interligação regional com Cianorte, Paranavaí, Umuarama e outras localidades do Norte. Haverá, ainda, entroncamento para Cascável, Foz do Iguaçu e Oeste do Estado, através de três canais.

Mas não fica aí o plano de telecomunicações. Pela rota de micro-ondas, prevista para 1968, haverá 48 canais diretos para Curitiba, 12 canais diretos para Paranaguá, 60 canais diretos para Londrina, 24 canais diretos para Arapongas, 12 canais diretos para Nova Esperança e 60 canais diretos para Paranavaí, com entroncamentos ligados à rede nacional.

4 — No setor de casas populares, Maringá é a terceira cidade em matéria de investimentos: um ante-projeto, em fase final de estudos pelo Banco Nacional de Habitação, prevê a construção de 500 casas populares no Município.

E a assistência social foi aperfeiçoada com a entrada em funcionamento do Instituto de Previdência do Estado.

5 — A jovem indústria de Maringá recebeu um volumoso financiamento estadual, através da Copel, que já assinou onze contratos no total de 445 milhões de cruzeiros velhos, havendo ainda quatro outros pedidos aprovados e ainda não contratados, no total de quase 200 milhões de cruzeiros velhos. Em fase de análise, há ainda sete pedidos de financiamento significando quase 600 milhões de cruzeiros velhos.

6 — As ligações rodoviárias entre Maringá e o resto do Estado mereceram grandes investimentos. Na mais importante delas — o trecho Maringá-Porto São José, da Rodovia do Café, foram gastos 7,9 bilhões de cruzeiros velhos no ano passado, já estando em tráfego o trecho Maringá-Paranavaí e em fase adiantada o restante da obra.

A ligação Maringá-Guaira, de 290 quilômetros está em sua maior parte concluída, tendo sido aplicados 334 milhões de cruzeiros velhos em sua conservação no ano que passou. A estrada que liga Maringá a Peabiru, PR-13, recebeu 271 milhões de cruzeiros em investimentos para conservação, melhoramentos e pavimentação.



O FORUM RECÉM-INAUGURADO (EM CIMA) É UM TESTEMUNHO ARQUITETÔNICO DO CARINHO COM QUE O PARANÁ OLHA PARA O EXCEPCIONAL DESENVOLVIMENTO DE MARINGÁ. O GOVÉRNO FINANCIA A CONSTRUÇÃO DE UMA DAS PISTAS DA BONITA AVENIDA COLOMBO (EMBAIXO), AUMENTANDO A ÁREA ASFALTADA DA CIDADE. AO LADO DESTA, ERGUEM-SE OS POSTES DA MODERNA RÉDE DE DISTRIBUIÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA, RECENTEMENTE INAUGURADA PELA COPEL.

SEGUE

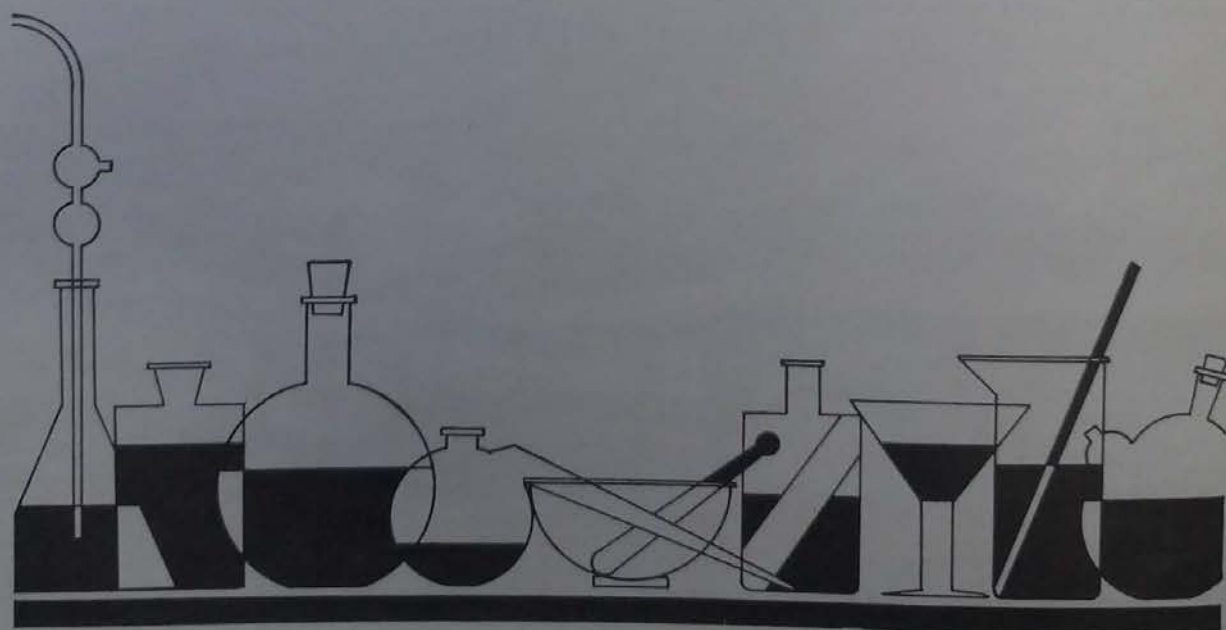


DROGARIA MORIFARMA

**UMA ORGANIZAÇÃO PIONEIRA
SERVINDO O NORTE DO PARANÁ**

MATRIZ: MARINGÁ

**FILIAIS: MARINGÁ, LONDRINA, CIANORTE, CRUZEIRO
D'OESTE, PARANAVAÍ (DUAS), MANDAGUARI
E NOVA ESPERANÇA**



LEON PERES É TRUNFO NA CÂMARA



O PARANÁ PERDE A TIMIDEZ PARLAMENTAR

O presidente Arthur da Costa e Silva ouviu os líderes da bancada federal no Palácio do Planalto. O líder do governo, Ernani Sátiro, está relatando os primeiros entrevistos sérios enfrentados na Câmara: o episódio da presidência do Congresso e a apreensão do livro do deputado Márcio Alves "Torturas e Torturados", considerado contrário à segurança nacional. É quando o deputado Último de Carvalho, parlamentar desde 1946, interrompe a exposição do líder.

— Presidente, sou deputado há 20 anos, mas o discurso do deputado Haroldo Leon Peres, nesse episódio, foi a melhor defesa de um governo que já ouvi em minha vida parlamentar. Este môço vai longe.

O presidente ouviu, sorriu satisfeito, e declara: — Não é surpresa para mim. Não foi à toa que convidai o Haroldo para meu vice-líder na Câmara.

O Paraná está perdendo a timidez e começa a despontar politicamente com o que consertará o descompasso entre as suas potencialidades de região economicamente rica e uma presença mais atuante que não se limite à participação ministerial. Haroldo Leon Peres, duas vezes deputado estadual, um dos mais votados nas últimas eleições, começa a puxar o cordão. Anteriormente já ocorrera a surpreendente atuação de Accioly Filho na votação da Constituição. O feito de Haroldo, a revista NP já havia prognosticado na reportagem "Retrato de um Líder" e tudo agora se confirma.

Num rápido contacto com Haroldo Leon Peres quando de sua esta-

da em Maringá por ocasião das festas do 20º aniversário novamente o entrevistamos.

"Vim a Maringá" — disse — na comitiva do ministro de Comunicações, professor Carlos Simas, da qual fazia parte também o Sub-Chefe da Casa Civil, sr. Geraldo Ferraz. Nosso objetivo em trazer aqui tão altas personalidades foi o de prestigiar Maringá e a região na oportunidade da ligação de mais 1.500 linhas telefônicas da Sociedade Telefônica de Maringá. Mas, sobretudo, foi a ocasião de fazer o Ministro e a Casa Civil da Presidência conhecerem pessoalmente os nossos problemas, levando ao Presidente as suas impressões sobre a nossa região. Um dos grandes problemas do Paraná, especialmente aqui do Norte, é o de comunicações com a precariedade dos serviços telefônicos, de correios e telégrafos, etc. A visita serviu assim para um debate dessas questões e tenho a certeza de que isso trará resultados benéficos à região. Pretendemos, aliás, sempre que possível, trazer personalidades do Governo Federal ao Paraná, pois isso facilita o encaminhamento das nossas reivindicações."

ICM, ATO DE LIBERTAÇÃO

"A reforma tributária, implantando o ICM, foi a melhor lei municipalista já feita no país. Representa a libertação dos municípios que já não mais dependem da boa vontade dos governos estaduais para sobreviverem financeiramente como acontecia à época da vigência do chamado artigo 20.

Tem um alto sentido descentralizador já que os municípios é que passam a arrecadar diretamente os

recursos de que necessitam, os quais passam a ser aplicados em favor das populações que para ele contribuíram. É preciso, no entanto, corrigir a sua regulamentação. Atualmente o grande onerado é o produtor que paga 15% sobre o valor do que produz, incluído no total parcelas que não representam lucro como salários, sementes, inseticidas, frete, etc., que compõem o custo final do produto na primeira operação. O intermediário, entretanto, somente paga 15% sobre o lucro que auferir. Parece-me uma distorção que favorece o intermediário em detrimento do produtor. Essa correção já está sendo estudada e uma vez feita passará a produzir melhores frutos em bases de equanimidade."

BI-PARTIDARISMO ARTIFICIAL

"Sou favorável à criação de novos partidos políticos. Nunca pude entender porque o Governo Castelo Branco, depois de editar a nova Lei Orgânica dos Partidos, que representava notável progresso, permitindo a sobrevivência das grandes legendas e impedindo a proliferação das pequenas que somente se prestavam ao tráfico das siglas, resolveu impor ao País um bi-partidarismo irreal e anti-democrático, sem sustentação popular. Acho útil e imperiosa a reformulação do problema, permitindo a representação partidária, autêntica e popular, de baixo para cima, das grandes correntes da opinião nacional. Isso injetaria vida real, se fôsse o caso, à ARENA e ao MDB com apresentação mais nítida de programas e doutrinas, que oferecessem opções claras à opinião pública."

Xambrê, onde Ipê Rôxo é mato e milagre vem do trabalho de todos

O motorista do caminhão chegou-se ao posto de gasolina em Xambrê e perguntou onde havia o ipê roxo. Era a quinta pessoa num só dia que vinha em busca da casca milagrosa e se dispunha a carregar um caminhão do produto.

— Se ipê fizesse milagre mesmo eu vivia com ele no bolso para tocar três municípios a um só tempo! — comenta o prefeito Aristóteles Coelho da Rosa, fazendo blague com a insólita situação que enfrenta como governador de Xambrê e também de Pérola e Altônia.

O prefeito vai adotando a melhor política administrativa cabível no caso, pois os municípios criados só existem no papel e está proibida a nomeação de interventores. Desdobra-se como dá e desloca funcionários seus para que a arrecadação de Pérola e Altônia não seja prejudicada.

— Esses dois municípios serão dos poucos a nascerem já com receita própria.

Isso, porém, não impede que se agravem os problemas dessas duas ricas regiões. Principalmente o escolar que em Pérola dia a dia se torna explosivo. Por sinal que o seu desenvolvimento é espantoso com indústria e comércio de porte, hospital, escola normal, cinema. Altônia, com seus 38 mil alqueires, também cresce e conta até com um porto fluvial no Patrimônio Yara.

E Aristóteles faz isso consciente de que Pérola e Altônia, com maior território e densidade populacional, podem superar a própria sede, Xambrê, que os gerou.

— Nossa luta aqui é pela unidade econômica da região. Essa divisão de suas principais áreas de desenvolvimento não colide com esse objetivo e o nosso empenho é de um lado dar instrumentos para o progresso de Xambrê, mas respeitar a destinação dos recursos que cabem aos nossos dois vizinhos.

De fato é o que está fazendo atacando como prioridades essenciais frentes de luta no setor das estradas, do ensino, da saúde e da energia elétrica. Aqui subitamente volta a lembrar-se do ipê.

— Olha quando a energia da Copel chegar aqui ela vai funcionar como remédio de ipê. O progresso urbano será rápido, novas indústrias se instalarão aqui para beneficiar a variada gama de matéria prima que produzimos.

Volta e meia chegam na cidade ou por ali passam caminhões com mudanças de famílias que vem com seus trastes e mil esperanças fixar-se na região. Um deles está parado diante do grupo escolar mais importante do município, o Alberto Jackson Byington, homenagem ao colonizador da região, e um dos sessenta existentes na área, construídos e mantidos pela municipalidade.

— A terra onde me mandaram era de areião. Aqui eu sei que é melhor (olha para confirmar as extensas plantações em volta, onde se sobressai o cafezal) e vamos ficar com muita esperança.

Quem fala é João Theodoro Seixas, paraibano, que vem ao lado da mulher e do motorista na cabine, enquanto a criança se diverte empoleirada nos móveis e pertences, entre os quais um cavalo.

O areião a que o paraibano alude é certa faixa do arenito Caiuá, onde a produção agropecuária se torna anti-econômica em custos em face da boa rentabilidade alcançada em mais de 80% de toda a região. Sua presença é também um fator de estrangulamento do progresso urbano na sede, já que foi preciso deixar um trecho da avenida principal com uma faixa intermitente de grama para evitar o alastramento da erosão. Para isso a administração já tomou providências e os técnicos do Departamento de Edificações e Obras Especiais do Estado efetuaram os estudos de nivelamento para que

o centro possa receber as melhorias indispensáveis em pavimento e jardinagem, após as operações de canalizações de águas.

— Não teria graça a COPEL dar luz em quantidade e a cidade não melhorar de feição urbanística! arremata o prefeito, esclarecendo que é seu propósito iluminá-la com lâmpadas de filamento de mercúrio.

Para os descrentes tem um argumento irresponsável: leva-os ao estádio de futebol e mostra-lhes a grande quantidade de postes de concreto que serão colocados. E mais ainda: a área doada para a subestação que transformará a energia que vem da Usina Diesel de Umuarama.

Por enquanto quem dá a luz é a Prefeitura. E até nesse particular, Xambrê tem essa originalidade incrível: a luz é gratuita, não há cobranças de taxas especiais. A contribuição é apenas indireta, pois os recursos para manter a usina a motor existente advêm de parcelas do orçamento.

CÂMARA

A Câmara Municipal de Xambrê tem desempenhado um ativo papel no desenvolvimento da comunidade, quer apoiando as medidas do Prefeito ou tomando iniciativas, tudo numa harmonia que serve aos superiores interesses da coletividade. A composição do legislativo é bem um espelho da variada presença de brasileiros das mais diversas unidades federativas: 4 paulistas, 2 paranaenses, um paraibano e um pernambucano. Seu presidente é José Carlos Gozalam (PR) e o secretário o historiador Nelson Ribeiro Dias (PR). Os demais componentes: Vice-presidente: José Ferreira de Oliveira (Paraíba), 2º Secretário: Mário José Silva (SP), Egidio França Viana (PE), Osvaldo Francisco Nogueira (SP), Carmo Costa (SP), Sebastião Raimundo (SP) e Antonio Betanin (SP).



LUZ DA COPEL VAI INJETAR OTIMISMO PARA A PRODUÇÃO

Onde houve erradicação de cafeeiros hoje se desenvolve uma lavoura rica e diversificada, na qual se sobressaem o milho, a soja, o feijão. Há, ainda, áreas de pastagens em pleno desenvolvimento. Por muito tempo ainda, o café será o principal produto, mas as vicissitudes que o cercam irão gradativamente deslocando de posição: as geadas continuam sendo uma advertência e nas havidas antes da primeira quinzena de junho as árvores sofreram muito, notadamente nas baixadas.

Ao invés de provocar desânimo, a situação da lavoura cafeeira despertou os lavradores para novas frentes de riqueza e essa perspectiva anima igualmente o grande número de pessoas que procura terras para ali se radicar.

O algodão por exemplo dá muito bem: em 1963 a área cultivada era de 3.300 hectares e deu uma produção de 180 mil arrobas. Hoje a previsão anda por volta das 320 mil arrobas. O amendoim atinge 100 toneladas, o milho mais de 120 mil sacas (60 quilos), arroz 80 mil sacas, mamona 160 toneladas, feijão 150 mil sacas, amendoim 750 toneladas. O café, com a redução da área cultivada, oscila entre 500 mil e 600 mil arrobas. Outro produto, cuja área de cultivo cresce incessantemente, é a soja. Também a hortelã pimenta cresce por força do crescimento da indústria que a aproveita: a previsão é de 5 mil toneladas em rama.

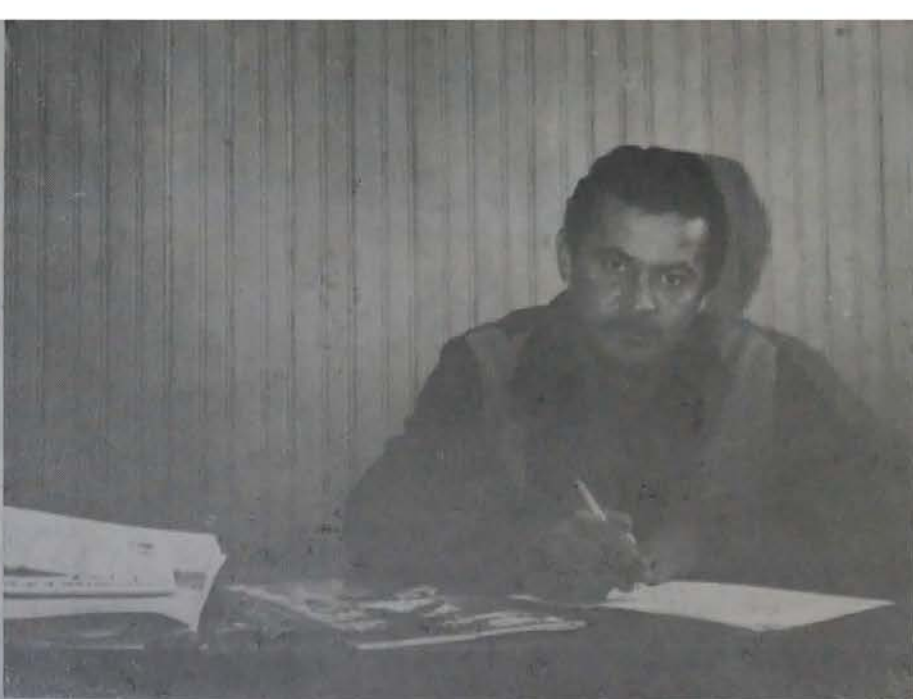
Há, além disso, na parte vegetal, as imensas reservas florestais, onde se destacam o ipê roxo, a peroba, o palmito, cedro, pau-marfim.

A pecuária ganhou impulso com os estímulos governamentais e o rebanho bovino se destaca, embora o ritmo de crescimento dos plantéis suínos seja considerável.

O setor industrial, como se disse, tomará impulso com o ingresso de Xamburé no sistema da COPEL com o aproveitamento da energia da diesel-elétrica de Umuarama numa primeira etapa e com a interligação, mediante linha de alta voltagem, com as áreas abastecidas por Mourão I e hidrelétricas da USELPA. Por enquanto a atividade industrial é limitada a 25 serrarias de médio e grande porte, algumas unidades beneficiadoras de café, arroz, moinhos de fubá e engenho de cana.

SEGUE

A erosão (à esquerda) atacou o centro de Xamburé e o prefeito Aristóteles Coelho da Rosa (na foto acima em seu gabinete) faz dessa luta e das que desenvolve no plano da saúde e da educação as preocupações essenciais do seu governo. Na foto o hospital, mantido pelo Município, e uma das principais unidades escolares.





Mais de 25 serrarias constituem o setor industrial mais desenvolvido de Xambrê. E isso ainda sem a luz e a força da COPEL que dentro em breve será realidade para mudar a fisionomia econômica da região.

RETOMAR A UTOPIA DOS JESUITAS É UMA DIVISA

«A ordem é retomar a obra dos jesuitas» — essa é a divisa do professor Nelson Dias, vereador e primeiro historiador de Xambrê. Refere-se ele à ação civilizadora desencadeada pelos jesuitas espanhóis na região poucos anos depois do descobrimento do Brasil. Xambrê — que veio a ter esse nome em decorrência de uma corruptela de pronúncia do sobrenome Chambers, engenheiro que atuou muito tempo naqueles domínios — pertencia ao território da Ciudad Real Del Guairá, capital da república teocrática indo-cristã, apoiada pela coroa espanhola. A destruição das reduções pelos bandeirantes se de um lado teve influência poderosa na definição dos nossos limites territoriais e na superação da linha do Tratado das Tordesilhas de outro significou, por muitos anos a volta à estaca zero do esforço civilizador na área, retomado mais tarde pela Cia. Byington.

A recuperação da mística civilizadora é uma preocupação constante do prefeito, dos vereadores e dos líderes de comunidade que pouco a pouco vão surgindo entre empresários rurais e donos de serrarias.

Todos concordam num ponto: a energia elétrica mudará a feição do município e o ataque preventivo à erosão permitirá obras de urbanização no centro, expandindo as áreas residenciais e as de comércio e indústria.

Procedido o nivelamento e fixadas as diretrizes para o escoamento das águas, então Xambrê entrará em outra reivindicação: vai montar a sua empresa de eco-

nomia mista em conjunto com a SANE-PAR para lançar as bases de uma política sanitária que abrangerá o abastecimento de água potável e o lançamento do serviço de esgotos.

Por enquanto a água consumida não cria maiores problemas de saúde pública diante da baixa densidade de prédios existentes, com o que se reduz as possibilidades de poluição dos poços. Há reflexões sobre tudo isso, pois as autoridades e o povo de Xambrê têm plena consciência do impacto que a chegada da luz produzirá na sede municipal. E' que a energia não traz só a indústria, mas ativa a adoção de novos hábitos de consumo, melhorando o equipamento doméstico e obrigando o comércio a atender tais exigências.

ENSINO, INVESTIMENTO NOBRE

No pátio da Prefeitura, dois funcionários fazem o carregamento de veículos — uma rural e um jeep — que levarão leite em pó e açúcar às escolas para a merenda das quase 8 mil crianças. A Municipalidade dá o açúcar, o transporte e os meios de preparo da merenda.

Além o setor educacional é dos que mais exige a atuação do prefeito Aristóteles Coelho Rosa que chegou a considerar 1967 o ano da educação. Um amplo e moderno grupo escolar de madeira — o Alberto Jackson Byington — está cada vez mais imponente com as obras complementares do pavilhão coberto para recreio. O Ginásio, concluído desde

o ano passado, mas só agora entregue ao município, ganhou da Prefeitura melhorias com a construção da quadra para bola ao cesto, futebol de salão e voleibol. 108 professores, com 208 períodos de aula, ministram a educação à conta do erário municipal. Mais de sessenta unidades são mantidas no setor de ensino primário. Depois de superada — o que vai acontecer ainda no segundo semestre — a acomodação dos estudantes do curso normal ginasial, Xambrê vai reivindicar o ensino de grau colegial para que seus jovens não se vejam obrigados a deslocar-se a Umuarama. Por enquanto só com professoras o município despense, mensalmente, mais de seis mil cruzeiros novos.

— Mas esse é o melhor investimento. E' mais do que isso: é o fermento do nosso progresso.

O prefeito fica eufórico ao falar do andamento de sua política de ensino e enquanto troca idéias sobre a distribuição das merendas, que se fará dentro de alguns minutos diz à reportagem que pretende aumentar as dotações para a educação. E' que a cobrança do ICM é o pagamento automático está colocando recursos nas mãos dos prefeitos: neste ano já arrecadou quase NCr\$ 200 mil, pouco menos do que o total (227 mil) do ano passado.

Uma de suas metas é erradicar o analfabetismo. Por isso apoia com entusiasmo a alfabetização de adultos. Há casos comoventes de sexagenários frequentando a Escola de Alfabetização.



É mais outra mudança que chega a Xambê para se fixar na região juntamente com brasileiros de várias origens e com grupamentos estrangeiros.



Márcio Rauscher é um paranaguense preocupado com essa batida questão de sentimento de unidade paranaense. Lá, perto da fronteira com Mato Grosso, em sua churrascaria faz propaganda de Paranaguá.



A quadra de basquetebol e futebol de salão construída pela Municipalidade nas dependências do novo ginásio estadual abre perspectivas promissoras para o desporto e a juventude.

XAMBRÊ AINDA EM BUSCA DO MELHOR CAMINHO

Há muitos caminhos que servem Xambê: os naturais, constituídos pela via navegável do Rio Piquiri e do Rio Paraná, este mais explorado do que aquele, mas assim mesmo sem condições técnicas desejáveis. Conta com mais de mil quilômetros de estradas, algumas delas importantíssimas, inclusive sob o ponto de vista estratégico: a que une o Paraná a Mato Grosso, atravessando em duas balsas a Ilha das Setes Quedas e prosseguindo rumo ao Paraguai, Argentina, Bolívia, etc. e outra que liga ao Mato Grosso via Casa Branca-Vila Alta-Icaraima-Pôrto Camargo.

Mas a estrada mais importante é a que partindo de Maringá em sentido norte sul corta o município e após a travessia do Rio Piquiri demanda a Guaira. Desse total, mais de 900 quilômetros de estradas são municipais e muitas delas inter-municipais.

Bom parte dos recursos municipais é aplicada no sistema de estradas, todavia só a ligação entre Maringá e os polos de desenvolvimento mais próximos em Cianorte e Umuarama é que permitirão a Xambê, alternativas econômicas de transporte da sua produção.

UM CONSULADO DO LITORAL E DO PÔRTO DE PARANAGUÁ

Há numerosos paranaenses também no noroeste, mas poucos municípios contam com gente vinda do litoral do Estado. Em Xambê um verdadeiro consulado de Paranaguá, do seu pôrto e das praias paranaenses funciona na Churrascaria Saey pertencente a Márcio Rauscher. Nas paredes do estabelecimento há peças de artesanato litorâneo (esteiras artísticas) que servem de fundo para um painel de fotografias do pôrto, da cidade de Paranaguá e das praias. É um pôsto avançado de luta pela integração do Paraná. Márcio diz ter conseguido entusiasmar muita gente da região pelo pôrto e pelas praias. Por sinal que é surpreendente o número de moradores de municípios que fazem as suas férias em praias paulistas e catarinenses. O prefeito da cidade e alguns vereadores costumam ir ao litoral para pescarias e temporadas de praia. Porisso estimulam a atuação de Márcio Rauscher, que em Paranaguá foi ótimo jogador de futebol e de bola ao cesto do Seletor e remador do Santa Rita.

DIMINUI EM TAMANHO MAS IDEAL É GIGANTE

Xambê, desmembrado de Cruzeiro do Oeste, vai ficar reduzido a cerca de 25 mil alqueires paulistas, pois os distritos de Pérola (16 mil alqueires) e de Altônia (38 mil alqueires) só dependem da formalização de sua autonomia. Na sede estão a Prefeitura, Câmara de Vereadores, Recebedoria Estadual, Inspetoria de Ensino, Junta de Alistamento Militar e agência do IBRA, todas essas repartições funcionando em prédios municipais. O Hospital existente recebe subvenções especiais da Prefeitura que ainda recentemente nele aplicou 15 mil cruzeiros novos. Uma agência do Banco Comercial funciona na sede.

Tem uma população superior a 30 mil habitantes e um quadro eleitoral com mais de 3 mil eleitores.

Sua vida recreativa tende a ampliar-se com as atividades do clube social e dos estudantes. Já há verba votada para organizar a fanfarra de Xambê e o professor Nelson Dias está encarregado de fazê-lo. Ela será um fator importante na parte cívica e recreativa.



Eles deixam a Igreja, emocionados e felizes, rumo à viagem nupcial. É o encerramento de uma das mais belas cerimônias matrimoniais assistidas pelo que de melhor existe na sociedade maringãense.

O BONITO CASAMENTO DE JOAQUIM E ZULMIRA

Por que os namorados casam em abril? Talvez porque o amor não tenha tempo, nem respeito ao calendário, que prefere maio ou dezembro. De qualquer forma, o casamento de Joaquim e Zulmira Moleirinho (ela nascida Gomes Caetano) foi um dos acontecimentos sociais mais importantes da temporada em Maringá. A nata da sociedade maringãense estava na Igreja de Nossa Senhora da Glória, no dia 15 de abril, quando o cônego Teles declarou Joaquim e Zulmira marido e mulher.

Ela estava linda com um vestido longo, onde se destacavam as flores de renda rebordadas, véu de tule longo com grinalda de flores. O noivo, com um sóbrio tropical escuro e gravata clara. A felicidade do novo casal não era menor que a de seus pais, os casais Joaquim Gomes Caetano-d. Piedade Vitória e Joaquim Duarte Moleirinho-d. Maria Gaspar Pedrosa.

Paraninfaram o ato, por parte da noiva, os casais Olinto Schmidt e senhora e Amorim Pedrosa Moleirinho e senhora. Por parte do noivo, foram padrinhos os casais Álvaro da Silva Cunha e senhora e Anibal Bianchini da Rocha e senhora.

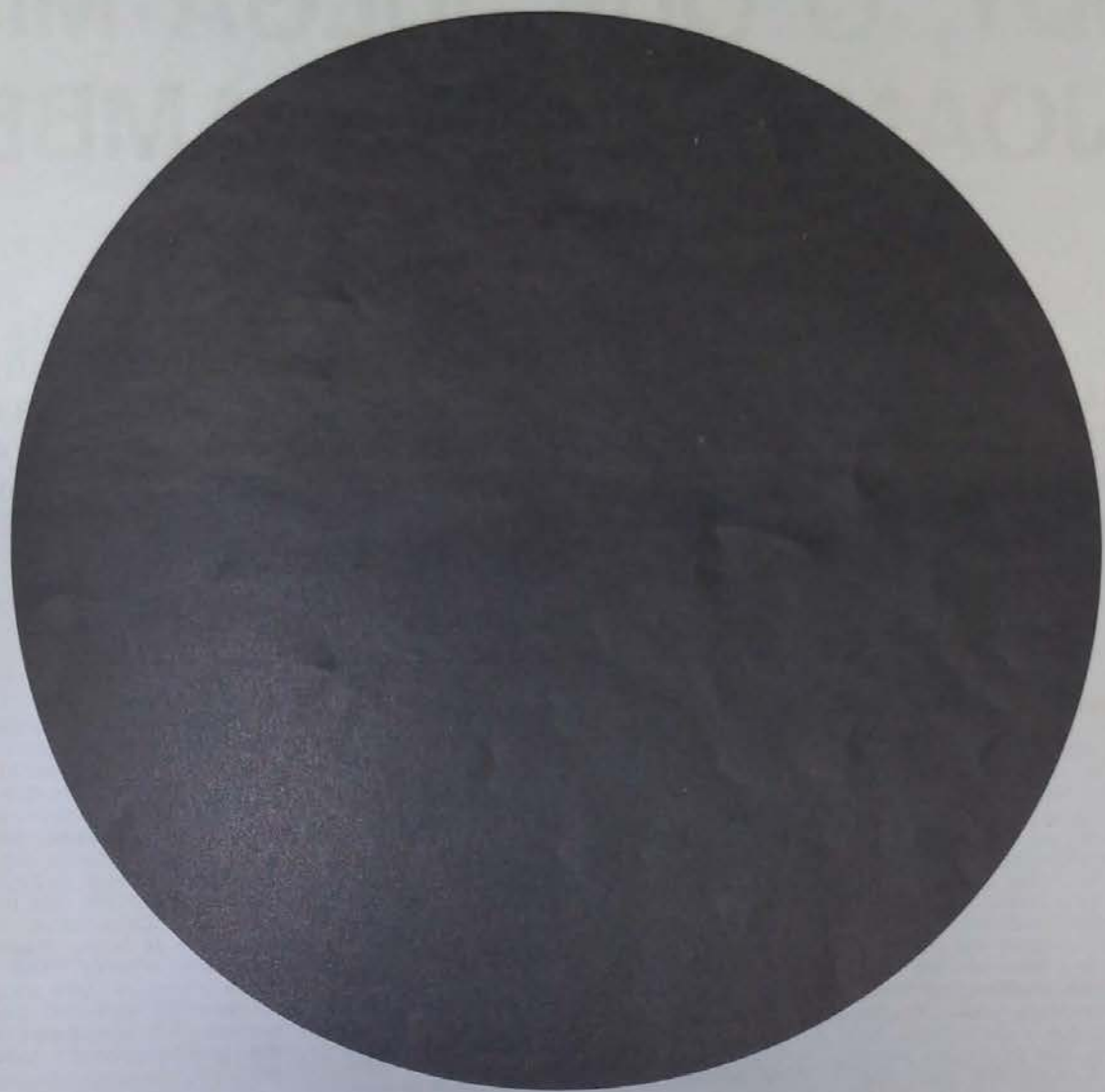


O instante da bênção, um momento de grande emoção para o jovem casal. O cônego Teles foi o oficiante da cerimônia religiosa que uniu para sempre, pelos laços do matrimônio, Joaquim e Zulmira Moleirinho.

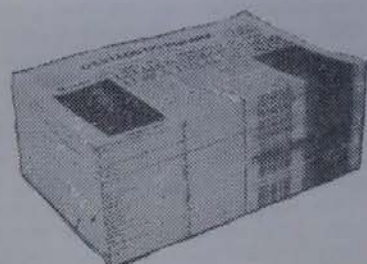


Os padrinhos da noiva, durante a cerimônia que reuniu na Igreja de Nossa Senhora da Glória o que de melhor existe na sociedade maringãense. O novo casal ouve com atenção as palavras carinhosas e de estímulo do oficiante. Embaixo, os paraninfos do noivo acompanham o sermão sacerdotal. Está próximo o momento em que será pronunciado o "conjugio vobis" e dada por perfeita e selada, perante Deus e os homens, a união de Joaquim e Zulmira.





SOBRIEDADE, TAMBÉM



O PRIMEIRO
JORNAL
PARANAENSE
FILADO AO



Um bom jornal precisa ter manchetes
de dois metros de altura?
Muitos acham que sim.

Nos, não.

O ESTADO DO PARANÁ preocupa-se mais
em dar a informação precisa, completa,
do que "manchetear".
Achamos que a boa imprensa não é feita
so de tinta e papel.

De sobriedade, também.

O ESTADO DO PARANÁ

EDDY, O QUE JULGA MISS E JOANA D'ARC TAMBÉM

Eddy Antônio Franciosi, contista, ator, autor teatral, promotor do concurso Miss Paraná, colunista de amenidades e de coisas sérias, é quem desfila.

Há dias atrás brilhou montando o excelente «show» de beleza que foi o concurso Miss Paraná com 33 candidatas, agora vai ser notícia por causa de uma mulher excepcional — Joana D'Arc, sobre cujo julgamento escreveu uma peça a ser encenada a 3 de agosto no Teatro Guaira em estréia nacional. Eis o seu depoimento feito na hora.

«Fui, por assim dizer, a décima-primeira frustração de meus avós, que me vaticinaram uma carreira religiosa tão logo vim ao mundo. E' bem verdade que me deram também outra opção: ser economista, banqueiro, ou algo que o valha, pois o pai de meu pai andava, naquele tempo, com o firme propósito de fundar uma rede bancária, coisa que certamente o faria não fôsse o malógro financeiro, tempos depois. Mas resultado: nem uma coisa nem outra. Acabei me transformando, sem mesmo o perceber, numa espécie de escriba, ou «homem de letras» para ser mais elegante e snob. No fundo, mesmo, o que sou é jornalista. Em parte por vocação. Em parte por necessidade. Mas levo a vantagem, sobre muitos, de fazer o que gosto e quero o que em princípio me proporciona aquela «sensação» de liberdade, sem a qual não poderia viver...

MENDIGO DE MENTIRINHA

Se sou um homem realizado? Bem, em princípio sim, muito embora ainda se alinhem na minha frente dezenas de coisas a realizar, algumas realmente ambiciosas e grandes, como percorrer o mundo sem dinheiro... Mesmo que o tivesse sobrando gostaria de fazê-lo, pelo prazer da experiência e das emoções. Por exemplo: já me vesti de mendigo e permaneci 26 horas esmolando pela cidade, inclusive comida, que me foi negada... Trata-se de uma reportagem publicada em série no extinto jornal «O Dia», a minha mais «amarga» mas ao mesmo tempo mais «preciosa» experiência jornalística. Aprendi que homens se transformam em autênticos abutres quando em face à dura realidade da fome. Fui escorraçado por ricos e pobres, e

igualmente senti que o instinto de auto-defesa é o que de mais forte possuímos, sobrepunhando até mesmo todos os sentimentos que possamos ter. A verdade é que vivemos, embora sem perceber, nos defendendo de tudo e de todos, o que acaba por se transformar em hábito inconsciente. Acho que nascemos assim. Só protegemos quando nos sentimos seguros. Como todos os outros animais. O raciocínio nem sempre nos torna melhores...

Não. Não sou um revoltado. Pelo menos não, em termos gerais. Amo e me entusiasmo por muitas coisas, inclusive a vida. As pessoas exercem um fascínio incontrolável em mim, e de todos os castigos o que mais receio é a solidão. Ninguém nasce para viver só. Amo a beleza das criaturas indefesas (não acorrentadas e vencidas, mas entregues), das crianças, dos cães, das flores, das criações artísticas em todos os sentidos e formas de expressão, da liberdade, da própria beleza que nos envolve. Não existem pessoas feias. Aliás, a beleza, ou a sua ausência, vem de dentro para fora. E' aquele brilho no olhar, o gesto não ensaiado, o movimento, a própria maneira de ser que não se repete, como a impressão digital. Cada pessoa é uma só, única. Não existe outra igual. E nisto reside o encanto de cada um. Justamente porque possuí aquele «algo mais» que muitas vezes nem é visto, mas apenas sentido. E' como disse Saint-Exupéry: o essencial é invisível para os olhos...

JORNALISMO & MISSES

Talvez seja por isso que aprecio particularmente minha profissão: o jornalismo. Porque me possibilita lidar com gen-

te a mais variada, nas mais diversas circunstâncias e diferentes lugares. Uma vez, em Nova Iorque, vi alguém chorar a morte de um brasileiro a quem nem sequer conhecia ou tinha visto. Nem mesmo conhecia o Brasil. Mas amava o que esse brasileiro havia feito de belo para legar aos homens do mundo. Não é maravilhoso? Talvez seja por isso, também, que eu tenha aceitado a realização de concursos de beleza feminina. Pela oportunidade, através desses certames, do contato com os tipos mais variados e estranhos. E' realmente fascinante. Não o concurso. O jornalismo. E de certa forma (por que não?) também o concurso...

De concursos de beleza tenho uma opinião muito minha, pessoal, que difere em muito dos cânones de Londres, Miami ou Long Beach. Não sou contra eles, pois não faço nada daquilo que julgo errado. Sou a favor, pois embora explore a vaidade que é inata na mulher (em todas, mesmo naquelas que nunca pensaram em ser «miss»), também lhes proporciona a oportunidade, não propriamente através do título (que é uma bobagem), mas do que, por intermédio dele pode obter em conhecimentos, experiências e vivências. Um concurso é, para toda jovem, um autêntico Curso de Conhecimentos Humanos. Depois, já viram coisa mais linda que muitas mulheres bonitas reunidas? Claro, isso tudo de nada adiantará se a jovem não estiver preparada (psicologicamente, sobretudo) a enfrentar um certame dessa natureza. Seria o mesmo que lançar ao Governo um homem imaturo, política e administrativamente falando. Levantaria pelo menos quatro anos para se firmar...



A propósito, não gosto de política. Pelo menos não como atividade. É um campo no qual me sinto pouco à vontade, muito embora a acompanhe em todos os seus lances. Mas acompanho-a como observador, e confesso que raras vezes me senti atraído a enfrentá-la de maneira mais definitiva. Quasi sempre se resume em luta pelo poder, mesmo quando mascarada em rótulos democráticos, e isto, absolutamente, não me agrada. Não me agradam os homens que retêm excesso de poder. Mesmo no setor privado. Assim como detesto os demagogos e eles proliferam mais na política que em qualquer outro «departamento». O endeusamento é uma forma muito primitiva, e nós hoje raciocinamos. Pelo menos que-remos...

TEATRO, DESDE CASA

Em teatro comecei cedo. Muito cedo. Minha mãe era atriz, e a casa onde nasci e passei minha infância sempre foi uma espécie de estúdio ou prolongamento de um palco. Talvez até laboratório. Descendo de italianos, e os italianos — como, de resto, todos os latinos — adoram o «exibicionismo» de suas qualidades artísticas. São autênticos histriões. Lá em casa ensaiava-se teatro e música, de modo que nunca se passava muito tempo sem que uma peça ou um repertório musical florescesse lá, no velho casarão de 22 quartos. Quando não havia nem uma coisa nem outra, meu pai (que é músico) improvisava «shows» com os filhos e sobrinhos, cada qual procurando sair-se melhor para conquistar o prêmio máximo: uma nota de 10 cruzeiros velhos...

Nesse campo, é fácil deduzir, minha imaginação voou, e antes mesmo dos 10 anos participava eu de concursos de contos (aliás, ganhei muitos deles, inclusive aqui em Curitiba, mais tarde) ou das dramatizações escolares, onde geralmente defendia o papel mais importante. Curioso é que essas «encenações» prosseguiram depois em casa, mormente na fa-

zenda, onde passávamos as férias. Tinhamos — meus irmãos, primos e eu — um «cemitério», um «ônibus», um «colégio», uma «igreja», um «hospital», de modo que vivíamos constantemente representando «padres», «médicos», «motoristas»... «Viagens», aliás, eram freqüentes. Colocávamos quatro ou cinco pares de cadeiras alinhadas simetricamente, simbolizando um ônibus que ia apanhando gente pelo caminho, conduzindo-as às mais diversas fazendas: Santa Eulália, Quero-Quero, Querência, Umbú... A prima Solange certa vez não pôde embarcar por estar acompanhada de seu cãozinho «Peludo», pois o coletivo não permitia a entrada de animais... O irmão, Paulo Henrique, queimou-se na parada e daí, para a bagunça generalizar-se foi um instante. Felizmente chegávamos sempre a um acórdio. Eu era o cobrador: exigia botões, grampos de cabelo, bolinhas de gude... Anos mais tarde, quando encenei «Feliz Viagem a Trenton», de Thornton Wilder, não encontrei grande dificuldade em ambientar a peça, pois não precisei de outra coisa senão reviver tudo aquilo que já conhecera (e experimentara) na infância. Se não me falha a memória ganhei Medalha de Ouro pela direção dessa peça, apresentada aqui no Guaíra...

A MISS QUE LATIA

Mas o entregávamos também a outros tipos de «faz-de-conta», isto deve ter contribuído para o desenvolvimento do meu gosto pela arte de representar. Gostávamos, por exemplo, de caçadas, imitando os empregados e até mesmo os cães. Meu irmão Carlos, por sinal, sabia latir melhor que qualquer outro cusco, e seu falo- ro o conduzia, não raro, aos mais estranhos lugares. Certa vez apanhou por ter chegado em casa sujo de esterco até as orelhas... Explicou: a rolinha fora parar em baixo da estrebaria, e para chegar até lá só havia um jeito: rastejar. Para latir melhor que ele só conheci uma Miss Brasil...

Numa dessas «caçadas» matamos mesmo, acidentalmente, um coelhinho da prima Jandira, que por causa disso chorou o resto da tarde. Então tivemos a idéia de enterrá-lo como gente, com caixão, enterro, flores e tudo, idéia essa, diga-se de passagem, logo aceita por todos. Escolhido o local para o futuro cemitério, cada um foi encarregado de uma tarefa: Kiko fez o caixão com uma caixa de marmelada, Manoel a cova, Sérgio a cruz e Ivo escolheu o local do velório, um galpão abandonado. Coube às meninas o trabalho secundário: limpeza da sala, as flores, e até mesmo as quatro velas (deviam ser bentas, pois foram tiradas de cima do guarda-roupa da vovó, sem que ela soubesse, claro...) tudo certinho como haviam feito com o negro João, um empregado que morrera nas férias anteriores... Todos deram pesames à prima «mãe» do coelho, que fingia chorar junto do bichinho morto, bonito que estava, cheio de rosas. Nos portamos como gente grande, respeitando a dor e a seriedade da ocasião. Depois formamos fila indiana, eu na frente como padre, em seguida o «defunto», a «mãe do defunto», os «parentes», os conhecidos (filhos de empregados), e finalmente, fechando o cortejo, o velho cachorro Tel, que por sinal morreu de fato uma semana mais tarde...

Achei que cemitério de um só morto não era cemitério, e como nenhum outro animal morresse antes do Tel, eu mesmo matei, deliberadamente (e foi minha primeira maldade de sã consciência) dois pintinhos já grandotes, cuja verdadeira causa-mortis minha avó tentou descobrir (sem resultado, como sempre) até que acabou por esquecer. Os dois, que eram gêmeos, foram enterrados num só caixão, porém com as mesmas honras do coelhinho. No final das férias o cemitério já era cemitério mesmo: nele «descansavam em paz» o coelho, os dois pintinhos, quatro ratos, uma galinha, um gato, uma pomba e... um peixe!

SEQUE

COMO JOANA APARECE

Todos nós gostávamos de escutar histórias, e foi mamãe quem nos leu ao pé do fogo, numa noite fria, a vida de Joana D'Arc escrita por Érico Veríssimo. Nos entusiasmos tanto que no dia seguinte erguemos um monte de lenha, no fundo do quintal, para queimar a prima Maria...

Depois Joana «adormeceu», dentro de mim, por muito tempo. Julguei-a esquecida definitivamente, sem lembrar que as crianças nunca esquecem nada. De fato, um dia reviveu. Não sei como, nem onde. Só me lembro do interesse, da pesquisa, da longa procura de nomes, fatos e datas, e finalmente a primeira peça — «Seu Nome Era Joana» — que apesar dos defeitos, como texto e como teatro, teve o grande mérito (para mim) de um ensaio exaustivo, porém proveitoso sob muitos aspectos. Utilizei-me da experiência, dez anos mais tarde, para «O JULGAMENTO DE JOANA», que vem aí para ser julgado, como texto e como obra de teatro, e justamente pôsto em prática (por uma curiosa coincidência) pelo mesmo diretor da primeira versão: Telmo Faria. É um homem de quem tenho muitas coisas a louvar, inclusive sua «coragem» de enfrentar essa «parada» com jovens praticamente inexperientes (mas que entusiasmo!) do Grupo de Teatro do Colégio Estadual do Paraná...

Não fui o primeiro homem de teatro que se deixou seduzir por Joana. Muitos outros, antes de mim, não resistiram à sedução de sua vida, e a retrataram, bem ou mal, em textos representados ou levados à tela em todo o mundo. Quem começou mesmo foi Shakespeare, seguido depois por Voltaire, Schiller, Shaw, Claudel, Anouilh e toda uma série de outros autores, até chegarmos ao suéco Sven Stolpe, cujo estudo crítico procura separar, principalmente, a lenda dos fatos provados, ou ainda, a reedição dos processos elaborados pela alemã Ruth Schirmer-Imhoff. Mas entre estes, pelo menos uma dezena de outros escritores já se ocuparam de Joana, para transformá-la em obra literária, teatral, cinematográfica, ou ainda, como fonte de inspiração para o balé, a música, a pintura, a escultura e todas as demais artes...

O JULGAMENTO E A LIBERDADE

Diante de tão vasta bibliografia a primeira pergunta que se nos ocorre é sobre o motivo (ou motivos) que levou tanta gente, em tão diversas épocas, lugares e circunstâncias, a se ocupar de Joana. De fato, sua história é tão sedutora, que é difícil nos aproximarmos dela sem correremos o risco de uma capitulação, senão imediata, lenta e quase não percebida, porém tão certa quanto crescente é o seu fascínio. Foi o que ocorreu comigo, só que, a exemplo de Shaw, foi o lado «político» da questão que mais me interessou. E fui além: trouxe Joana para os nossos dias, com um linguajar familiar e uma consciência nacionalista tão clara e inconfundível, que se aparecesse nas ruas da cidade dizendo as mesmas coisas de então ela certamente se confundiria com os nossos pensamentos e anseios, porque na realidade nem tudo mudou, ou quase nada. Apenas a época e os métodos, porque interesses políticos, venais, traiçoeiros e patriotas, ainda existem hoje nos tribunais, nos palácios, nas chancelarias e nas ruas de todos os países do mundo, inclusive no Brasil. E Joana se renova, se reencarna em milhares de heróis anônimos, para quem, a única diferença é a ausência da fogueira, que, aliás propositadamente não uso no texto, por já não ser (como então) a forma mais vil de se aniquilar com um ser humano...

Os Delfins andam à solta por aí, em outras peles e em outros palácios. Mas andam. Também os Cauchons, os Warwicks, os La Tremouilles, os Barba-Azuís, os Bedfords. Também hoje, como na Idade Média, julga-se a priori a consciência do homem, pouco importando a sua liberdade de pensamento e ação. Mas hoje também, mais do que nunca, proliferam «Joanas» prontas a enfrentar a luta, porque o ideal que a guiou orienta também as de hoje, a quem certamente serão lançadas flores, como se faz hoje em França, porque, como disse o Papa Pio X, que a santificou, «a recordação dos seus feitos viverá no futuro com sempre renovado louvor».

Minha Joana é uma Joana de luta, de estandarte branco e muita coragem, e com isto — penso eu — defino-a melhor que todas as enciclopédias sobre a paz e a liberdade. E a Igreja — quero crer — também a define assim, porque Joana traz consigo a mensagem do amor.»

O TRANSPORTE MAIS RÁPIDO ENTRE SÃO PAULO E NORTE DO PARANÁ

ENCOMENDAS ENTREGUES EM 24 HORAS

TARIFAS BAIXAS E RIGOROSA
OBSERVÂNCIA DOS HORÁRIOS

DIARIAMENTE

DE SÃO PAULO PARA
OURINHOS — CAMBARÁ — ANDIRA — BAN-
DEIRANTES — SANTA MARIANA — CORNÉ-
LIO PROCÓPIO — LONDRINA — CAMBÉ —
ROLÂNDIA — ARAPONGAS — APUCARANA
— JANDAIA DO SUL — MANDAGUARI —
MARIALVA — MARINGÁ E VICE-VERSA

EMPRESA TRANSPORTADORA

ANDRADE LIMITADA

SÍMBOLO DE GARANTIA,
PONTUALIDADE E RAPIDEZ

ESCRITÓRIO CENTRAL:
RUA HENRIQUE DIAS N° 67
FONES: 93-6297 — 63-9894 — 63-2433
SÃO PAULO — CAPITAL

A ELITE E O POVO E A LUTA ENTRE DOIS LÍDERES

BACILLA NETO

O poder funciona para o político como o giz para o peru. É difícil pular o círculo branco que separa as elites do grande povo, neste século de massas, formando tudo isto um dramático processo que é dos enormes pecados da nossa época. Muita gente tem dito isto, com erudição. Um deles, por exemplo, foi Gramsci, socialista italiano, que as prisões de Mussolini encarceraram até que seus pulmões estouraram pela tuberculose.

Mas, qualquer vereador, prefeito, deputado ou governador começa a sentir um risco de giz no seu mandato — muralha chinesa a separá-lo do ouvido do povo — desde o dia da diplomação.

falando, falando, falando

Na sua "Concepção Dialética da História", Gramsci aborda, na primeira parte do livro, o problema do círculo do giz entre as elites e a massa, para seguir desenvolvendo um raciocínio sobre as fórmulas que entende válidas para diminuir essa distância. Mas, que o traço branco existe, não há a menor dúvida. Como vencer esse muro entre as elites do poder e as massas?

Um simples vereador em Caixa Preta, ou qualquer político eleito, sente a muralha. Alguns recorrem à caspa, outros andam de peúgas, muitos castigam as tribunas, vários seguem o recurso das atitudes espalhafatosas, tudo com o objetivo de tornar bem fininho o risco do giz entre a elite e o povo. Num século de massas, a coisa não é fácil e uma porção de políticos acha que a solução é falar. Falar, falar até não poder agüentar-se.

as tricas dos bastidores

Como exemplo, veja-se o episódio da briga Paulo e Ney. Este entende que o esgarçamento de suas relações com o governador é consequência de um processo de "necessidade de afirmação". Alguns "pimentelistas", como réplica, admitem que Ney é um "nostálgico do poder" e que, no atual governo, queria ser "o Espírito Santo de orelha" de Paulo Pimentel.

Mas, será que esse bate-boca, com tanta gente matraqueando opinião, soluções e esquemas, foi capaz de apagar o círculo de giz que separa uma elite política do grande povo? Agora, que são passados tantos dias, muitos entendem que a situação entre esses dois grandes líderes políticos do decênio 60-70, no Paraná, é uma trica que o tempo fará murchar, fenecer e desaparecer.

o domínio da «arena»

Até que ponto um charivari de bastidor da elite política paranaense chegou aos ouvidos populares? Em que intensidade tal fato se registrou, contribuindo ao episódio para formar uma ponte entre os que estão dentro e os que se acham fora do círculo de giz? É difícil responder. Mas, uma coisa é fácil assinalar. Esse fato foi, sem dúvida, o episódio mais importante da política do Estado, já que ambos se constituem nos grandes líderes da "Arena" e se — num futuro — somarem forças, facilmente esse binômio será batido.

E que temos, com nossos botões, a convicção de que Paulo e Ney, malgrado eventuais arranhaduras, podem entender-se — e devem fazê-lo — cada um reservando as posições decorrentes de decisões das urnas, isto é, um no governo e o outro no Senado.

O estremecimento, agora, pode ser vencido com o tempo e com as respectivas consciências que cada um tenha do seu mandato de governador e de seu papel. No futuro, do diálogo de ambos e de suas respectivas áreas de força, deverá sair um esquema de vitória para 1970, com um novo chefe do Executivo, outro vice-governador, dois senadores, 25 federais e 45 deputados estaduais.

força sem emoção

Possuímos a convicção, hoje, de que o MDB no Paraná, sem nenhuma figura que chegue à metade da altura do gênio de habilidade de Souza Naves, não conseguiu estruturar uma personalidade — ou mais de uma — que possa emulá-lo. O interesse do eleitorado paranaense, o "espírito político de vitória", em nosso Estado, está sentado, muito comodamente, debaixo do guarda-chuva da "Arena" e esperando, tranquilamente, o combate de 70. Tanta são os líderes, com boas potencialidades eleitorais, no "arenismo" paranaense, que achamos extremamente difícil que o MDB consiga plantar, hoje, a semente de uma candidatura que frutificaria dentro de 3 anos. É esse drama "modebrista" é tão profundo que, também, os opositoristas sentem como é forte o risco de giz que os separa do povo, malgrado estejam em excelente condições para sensibilizar paixões populares, já que opositoristas.

o quadro e o giz

O drama político agravado é que o giz, no quadro paranaense, é tão forte como em outro Estado. Muitos dos que têm mandatos nas mãos compreendem que é preciso falar ao ouvido das massas, mas, para isso, é indispensável uma estrutura partidária e, sobretudo, idéias, que pressupõem inteligência e cultura.

Numa realidade assim, a questão é ir falando. Falando coisas que interessem ao povo, convidando-o para o debate, para o diálogo, até que se forme, pelas discussões continuadas, uma crescente consciência democrática e, também, de esperança.

No rebôlo das fofocas

Além do trincamento político entre Paulo e Ney, o fato mais importante do mês foi o lançamento da candidatura Paulo Pimentel à presidência da República, em 1970, se houver eleição direta. Nada menos que 25 prefeitos e dezenas de vereadores do sudoeste, pela palavra do deputado Arnaldo Busato, numa cerimônia no Palácio Iguaçu, lançaram a idéia. ● João Mansur, presidente da Assembleia, é o primeiro nome cogitado para a vice-governança, em 70. Mas, os que levantam essa hipótese não dizem de quem Mansur será companheiro de chapa. ● O secretário geral da "Arena", do Paraná, sr. Ubiratan Pompeu de Sá, renunciou as funções. Eleito o deputado Anibal Curi, ex-udenista, ex-petenista. ● O federal Accioly Filho começa a ser cogitado para uma das senadarias em 1970. E que abrirão duas cadeiras no Senado, as dos srs. Adolpho de Oliveira Franco e Rubens de Mello Braga (este último, agora, em Genebra). ● Quem está mandando brasa, no MDB, é o secretário geral, deputado Sinval Martins de Araújo. O presidente, Renato Celidonio, tem pouca vivência com a política local, que se desenvolve nos bastidores curitibanos. ● O vice-governador Plínio Costa continua viajando pelo interior e comparecendo em todas as solenidades da Capital. ● O prefeito Omar Sabbag, de Curitiba, é contra a publicidade. Prefere gastar o dinheiro em obras. ● José Miró Guimarães, novo Secretário de Viação, disse a 28 prefeitos do sudoeste que o governo do Paraná, somente em estradas, está gastando 50 bilhões de cruzeiros antigos na região. ● Em compasso de espera, na Assembleia, o projeto de lei que cria 2 Secretarias Sem Pasta. ● Outro assunto "congelado" é a implantação de 2 Secretarias novas: da Indústria e Comércio e da Administração. ● Nos diálogos com seus amigos mais íntimos, Paulo Pimentel tem externado sua preocupação de recrutar do interior — principalmente do norte paranaense — novos elementos para seu governo. ● Um político tradicional: "A falta de estrutura de Ivo Arzua, no Estado e sua ida ao Ministério da Agricultura são duas formas para matar quaisquer pretensões para 70".

Leite Humano e Sangue à Frente da Procura

O Banco de Sangue do Hospital de Clínicas poderia servir de modelo para uma rede no interior.



A "corrida" maior é, como já foi dito, aos bancos de sangue e de leite humano. Neste ano, então, as coisas se complicaram: se o Hospital de Clínicas, através do seu Banco de Sangue, não houvesse mudado sua política de abastecimento, indo diretamente ao doador, entraria em pane. Acontece que no ano passado foram feitas 2.463 transfusões, utilizando-se 1.172 litros dos 1.536 retirados de 3.211 doadores. Em média 200 transfusões mensais com o emprego de 100 litros, o que assegura sempre uma quota de estoque variável de 20 a 30 litros. Isso significa que o Banco de Sangue, se é verdade que não está equipado para enfrentar uma "corrida", já não precisa lançar mão das campanhas de emergência à base do alarme e do apelo patético.

Mas o melhor funcionamento traz o ônus da mais efetiva procura. É o que ocorre neste ano, no primeiro trimestre: 946 transfusões, 991 doadores, 330 litros de sangue utilizados, 469 litros retirados. Traduzindo: a produção e o movimento do serviço foi praticamente quadruplicada.

"CORRIDA" AO LEITE

No Banco de Leite Humano, as coisas poderiam ter ficado pretas, não fosse o aumento da ordenha, pois cresceu extraordinariamente a procura por indicação de pediatras

em casos de intolerância ao produto em pós. Até meados de abril a produção de certa forma se aproximava do total obtido no ano passado: 250 litros contra 332 do ano inteiro.

No trimestre a situação se apresentou da seguinte forma:

Janeiro: 46.200 gramas ordenhadas, 38.350 gramas vendidas, 7.025 gramas doadas. Com o saldo de 4.150 gramas do ano passado, em fevereiro já havia um estoque de 5 litros.

Fevereiro: saldo de 5 litros, ordenha de 82.075 gramas, vendidas 85.045 gramas, doadas 200 gramas. Saldo para março de 1.830 gramas.

Março: saldo de 1,8 litros, ordenha de 78.925 gramas, venda de 64.450 gramas, doadas 2.700 gramas, inutilizadas 2.850 gramas. Saldo para abril de 10.775 gramas.

Para que se avalie o tipo de emergência a que está habituado o Banco de Leite do Hospital Victor do Amaral basta registrar que uma criança que esteve sob seus cuidados consumiu de janeiro até abril 42 litros.

Os demais bancos, com procura menor, dificilmente poderão enfrentar casos de saturação. O de olhos pode ter movimentação controlada pelo simples fato de que registra apenas uma média de 5 transplantes por mês. O de ossos teve igualmente a sua utilização reduzida em função da assimilação de tecnologia mais desenvolvida como a do en-

xêrto mineral "Died Graft", cuja estocagem pode ser feita indefinidamente. Também o de pele — conquanto aumente a estatística dos acidentes a fôgo — não cria maiores problemas a não ser em situações excepcionais como a vivida à época dos incêndios.

Conclusão: pela verificação do que ocorre nos bancos de saúde pode-se ter uma idéia do desenvolvimento da própria medicina no Paraná. Verifica-se a centralização excessiva na Capital de tais serviços, quando bancos de leite e de sangue, ao menos, poderiam servir maiores centros como Maringá, Londrina, Paranavai, Ponta Grossa, Paranaguá, etc. Mas o pior tipo de "corrida" em matéria de saúde pública é o que realizam diariamente os trabalhadores e a massa de desajustados do interior do Estado que vem a Curitiba à procura de atendimento médico e hospitalar. Diariamente o Hospital de Clínicas, o Centro de Saúde e órgãos assistenciais registram o drama-rotina de algo que só pode ser evitado à medida em que os planos de desenvolvimento econômico caminharem ao lado do desenvolvimento social, instante então em que se terá operado a desejada transformação estrutural do Paraná com a redução dos desníveis e das tensões entre setores econômicos e regiões e entre os componentes de uma mesma comunidade.



MOEMA BUENO E SILVA é a linda "Glamour Girl" de Londrina, que recebeu a faixa e o título da bela Lélia Brown, a "Glamour Girl do Paraná de 1966".

LONDRINA ELEGEU MOEMA

Foi considerado o acontecimento do ano a festa da primeira GLAMOUR GIRL de Londrina, promovida pelo colunista Dino Almeida e GAZETA DO POVO. Toda a sociedade londrinense prestigiou a bonita festa, realizada nos salões do Canadá Country Club, um dos mais elegantes e modernos clubes do Paraná. 7 lindos brotos concorreram ao título de primeira "Glamour Girl de Londrina": Laila Regina Alves, Marisa Fuganti, Moema Bueno e Silva, Regina Gregório, Sílvia Paoliello, Verinha Egger e Vera Licht. A comissão julgadora foi presidida pela colunista Alik Kostakis, do jornal "Última Hora" de São Paulo e apontou como vencedora a linda e elegante MOEMA BUENO E SILVA, que recebeu das mãos de Lélia Brown a faixa de "GLAMOUR GIRL DE LONDRINA". O belo desfile de Laffitte Modas, apresentando sua coleção de inverno, foi um dos grandes sucessos da festa mais elegante do ano, em Londrina.



Comissão Julgadora e convidados de honra (em cima): colunista Alik Kostakis (do jornal Última Hora) e seu esposo, o sr. Walter Bozan, sra. Dino (Nadayege) Almeida, sr. e sra. Fernando (Dircéia, ela presidente do Clube da Lady de Londrina) Busse e a sra. João (Marlene) Milanez, ele diretor da "Folha de Londrina". Abaixo, os 7 lindos brotos que concorreram ao título: Laila Alves, Marisa Fuganti, Moema Bueno e Silva, Regina Gregório, Sílvia Paoliello, Verinha Egger e Vera Licht e, na última foto, Moema Bueno e Silva é cumprimentada pelo colunista Dino Almeida (responsável pela promoção) e recebe da sra. Gladys Lessa (esposa do sr. Raul Lessa, presidente do Canadá Country Club) um belo presente.



O CABO ELEITORAL

Um dos tipos mais curiosos da vida pública é, sem dúvida alguma, o "cabo eleitoral", figura instituída por acaso, desde os tempos dos "coronéis", e que ainda hoje tem o dom de decidir a maioria dos pleitos.

Conheço um muito característico. Bem que ele gostaria de ver seu nome citado aqui. Mas isso poderia comprometer os seus chefes. Trata-se de uma criatura inquieta, que conhece todo mundo e consegue quebrar todos os tipos de galhos. Tanto ajeita a transferência de um delegado, como arranja para a professorinha a vaga que ela deseja na escola que ela quer.

Em tempo de campanha eleitoral, o sujeito veste uniforme de briga, pega um jipe velho e se manda por aí, visitando cada eleitor. Toma café temperado com rapadura, come pudim de mandioca, receita remédio para criança que tem lombriga, distribui amostra grátis: para qualquer gênero de "molesta". Ele fala meio arrastado, com sotaque de Castelo Branco.

Mas o grande drama do cabo-eleitoral é a entre-safra, o período entre um pleito e outro. Ele fica sem que-fazer. Aproveita para pescar, caçar. Mas de vez em quando dá saudade e lá está o homem visitando os amigos. Para variar, costuma xingar seu chefe:

— Pois vê só: dei um duro danado pro cabra se eleger e agora ele some, fica na capital se bacaneando e nem dá bola. Mas ele me paga: se não atender a você, eu rompo, mudo de partido e vou mostrar o que sou!

Rompe coisa nenhuma. Aquilo é só para consolar o eleitor, porque daí a pouco o cabo-eleitoral aparece na capital e o deputado deixa tudo o que está fazendo para vir escutar as novidades. O homem tira um monte de papéis do bolso e desfila os abacaxis:

— O dono da venda da estrada tal precisa nomear a filha dele, que se formou no ano passado. Temos de dar jeito nisso.

— Aquela môça que você prometeu colocar no Pôrto de Saúde, continua sem emprêgo. O avô dela está uma fera. E o pior é que ele tem mais de cem votos.

— Me dá um dinheiro aí porque minha cota de viagem está esgotada.

— O jipe precisa de consêrto e de dois pneus novos.

No final das contas, o deputado põe a mão na cabeça e explode:

— Assim você me leva à falência! Estou cheio! Vou deixar essa porcaria de política! Não tenho mais sossêgo! Cheeeega!

O cabo-eleitoral, tranqüilamente, diz que não tem importância, que o interesse é todo dele (deputado) e que ele (cabo) pode se virar do mesmo jeito, porque tem muita gente disputando os seus serviços.

O político põe de novo a mão na cabeça, enfia a mão no bolso, dá o dinheiro solicitado, pega uns cartões, escreve bilhetinhos aos eleitores que pedem coisas. E tudo fica certo.

Isso acontece todos os meses, geralmente tôdas as semanas. O político não vive sem o cabo-eleitoral, mas este, embora sendo a garantia de sua reeleição, é também o seu maior martírio.

Em seu campo de ação, o cabo-eleitoral é o "bom". Nos lugares menores, é ele quem resolve tudo. É médico, é advogado, é juiz, é delegado, é padrinho, é uma pessoa cheia de aptidões, que sabe fazer qualquer coisa e resolve todos os problemas. Já vi um deles substituir, na hora decisiva, a parteira da localidade, que no momento estava atendendo a outro chamado urgente.

Gostosa também é a intimidade que ele tem com os grandes homens: O Paulo, o Costa, o Ney, o Arzua, o JP, o Haroldo, o Renato, o Tulio, todos esses são seus amigos íntimos: "Frequênto a cozinha deles!"

Mas o fato é que, na hora de trazer eleitor para a urna, o cabo-eleitoral é o instrumento mais importante. Sem ele, ninguém se elege. É ele quem faz os fuxicos, as fofocas, quem desmancha a ação do adversário, quem troca as cédulas, quem conhece, "pelo faro", a tendência de cada eleitor. E se o seu candidato ganha, ele bate no peito e diz: "Sou o maior!" Mas se perde, limita-se a explicar: "Fomos vergonhosamente traídos".

E vai pescar, até a próxima aventura...

EXPORTAR É A SOLUÇÃO

(VIA PÔRTO DE PARANAGUÁ,
É CLARO)

Mais rápido, mais econômico, mais seguro.
Paranaguá é um portão para o mundo e serve
a uma das mais importantes regiões econômicas
do Extremo Sul do País.

Centenas de caminhões com baixo frete rodoviário
(a tarifa de volta é a mais barata do Brasil).

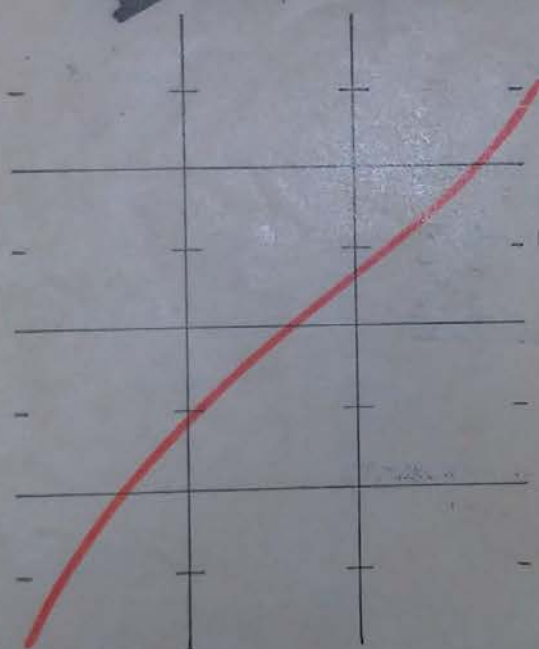
A Rêde Ferroviária Federal entrega suas
mercadorias no cais, onde há o mais moderno
em matéria de equipamento portuário.



COMPROVADA **RESISTÊNCIA**



DO CIMENTO **MARINGÁ**



Ensaio de resistência a compressão efetuados diariamente com o Cimento Portland MARINGÁ, apresentaram a seguinte média:

3 DIAS - 150 Kg/cm²

7 DIAS - 230 Kg/cm²

28 DIAS - 350 Kg/cm²

Início de pega - 2 horas e 30 min.

COMPANHIA DE CIMENTO PORTLAND

ESCRITÓRIO CENTRAL E VENDAS
RUA SÃO BENTO, 329 - 9.º
FONE: 33-3484
SÃO PAULO

FABRICA
ITAPEVA
FONE: 3
SÃO PAULO

